

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

EYVIND JOHNSON

o tempo de sua graça



cavalo de ferro

AO LEITOR

Mantenho neste romance os nomes das localidades – bem como alguns outros – nas formas habitualmente utilizadas, por exemplo, Eginardo, o secretário de Carlos Magno, e Paulo, o Diácono, historiador dos longobardos. Contudo, mesmo nas obras destes autores se podem encontrar diferentes formas misturadas, a ponto de se poder dizer que variam de um copista para outro. Alguns nomes de localidades são, contudo, tão próximos dos modernos que não considere necessário colocá-los no glossário que os interessados encontrarão no fim do livro.

E. J.

*Viver numa folha de choupo...
Ninguém consegue viver em
segurança numa folha de choupo.
No entanto, vivem ali minúsculas
criaturas que não sabem
que o seu país é uma folha de
choupo. Para elas, é uma terra
natal, uma pátria num mundo,
o mundo da folha de choupo.*

A tempestade que ocorreu no mar Adriático no fim da Quaresma do ano de 775 é inesquecível de diversos modos. Os seus efeitos demonstraram, sem dúvida, não ser insignificantes.

Pode dizer-se que lavrou sulcos profundos e prolongados com os seus arados – talvez não tanto na planície aquática, nos campos neptunianos, quanto nos espíritos e nas vidas de muitas pessoas.

Ainda no início do século IX, Johannes Lupigis, posteriormente secretário do imperador, e que vivia então em Aachen (ou Aquisgranum), falava frequentemente dessa tempestade. Ele próprio a sentira quando era ainda um sensível e impressionável jovem de dezasseis anos, na sua terra natal, Forojuli. Durante toda a sua vida, guardou no seu coração recordações da tempestade e, por esse motivo, segundo escreve o cronista Agibertus, esse coração nunca alcançou por completo a serenidade.

Este Agibertus, da família dos Agi de Beneventum, descreveu, entre os anos de 828 e 830, episódios – que serão revelados na presente narrativa – para uso dos seus contemporâneos e das gerações futuras. Ele conhecia muito bem as preocupações que afectavam o coração lupigiano, e pôde mesmo considerar-se, durante um certo período da sua vida, o amigo íntimo de Johannes Lupigis. Na sua juventude, ele e o futuro secretário real e imperial realizaram juntos a viagem – importante e crucial para o destino de ambos – de Roma a Aachen, onde vieram a residir durante um considerável período.

Muitos anos depois da primeira viagem de Roma a Aachen, mais precisamente em 828, Agibertus visitou, por motivo dos seus estudos,

Forojuli, a cidade natal de Johannes Lupigis, uma cidade vizinha de Utina no ducado de Friaul ou Friuli, no nordeste de Itália. A localidade, que não dista muito de Aquileia e Gradus, é também encontrada sob a forma ortograficamente mais correcta de Forum Iulii, tendo sido igualmente denominada Civitas Austriae, como esclarece Agibertus numa anotação, acrescentando: «Como a posição de Forojuli é geográfica, política e até mesmo militarmente estratégica, prevejo que esta cidade possa vir a ter muitos outros nomes, desde que a Lua não empalideça para sempre e nos abandone a nós e à nossa abóbada celeste, trocando-nos por outros firmamentos.»

«A terra em volta de Forojuli, junto à costa setentrional do mar Adriático, prende imediatamente o olhar do viajante», prossegue Agibertus. «Aquela visão fez-me pensar que um gigante com mais de dez dedos, ou um gigantesco deus pagão com cem garras, tinha criado outrora a paisagem ao pressionar, num momento de brincadeira, fúria ou abstracção, a mão na lama macia ou na areia molhada com tanta força que o fundo rochoso foi empurrado para o céu. A marca da palma da mão converteu-se numa planície com colinas baixas rodeadas por um semicírculo, por uma coroa de montanhas. Os vales foram abertos logo no momento da criação e, ficando mais estreitos e altos, deram origem a fendas e ravinas entre as montanhas. Imaginei que o gigante demiurgo – ou o Nosso Senhor, o Mestre – colocou a mão a norte e a curvou ligeiramente para criar as elevações de Utina e Forojuli. As unhas ou garras chegavam às montanhas a norte, à massa sólida de montanhas que se erguia como a crista irregular da ondulação; lembram, de facto, uma enorme onda rochosa. Mais para oeste, a mão do gigante ou do demiurgo fez outra marca. Talvez tenha dado à Terra, ao nosso actual lar, uma bofetada e, ao fazê-lo, virado por acaso os dedos para o Sul e para o mar Adriático. As garras ou unhas do gigante ou do Senhor raspam o solo como um grande arado, um ancinho de dedos abriu os leitos para o largo rio Tiliamentum, que se divide em muitas ramificações e que, por isso, corre para o mar por muitos sulcos. De seguida, as garras do nosso gigante ou as pontas dos dedos do nosso Criador parecem ter-se arrastado com indiferença pelo solo; pelo menos, foi essa a impressão

que tive durante a minha viagem de investigação. O poder, Ele, assemelhava-se talvez a um artífice cansado que arrasta para casa os seus instrumentos, ou a um agricultor estafado que puxa a alfaia atrás de si ao fim do dia, na escuridão; a um homem que já não pensa no seu trabalho nesse dia extenuante, que já não pensa em sementes nem em colheitas. Assim vi essa região, o ducado friulano que a tempestade afectou pouco antes de terminar a Quaresma do ano de 775», descreve Agibertus nos seus documentos escritos na biblioteca do mosteiro de Beneventum, onde trabalhou até ao fim da sua velhice.

*

«Alguém sugeriu que a tempestade de 775 pode ter sido originada por influência da Lua sobre a Terra. Pelo menos, foi essa a opinião de alguns dos que se interessavam pelos comportamentos da Lua, pelas suas diferentes fases, diminuições, aumentos e humor inconstante. Por outro lado, alguns consideraram que essa tempestade fora naturalmente causada, e como qualquer outra, por fortes ventos. Nada sei sobre as suas causas e, para ser sincero, não pondero muito acerca das mesmas», diz o gentil Agibertus. «Conheço apenas os efeitos da tempestade em alguns espíritos. Rasgou-os como as garras do gigante ou as unhas de Deus que criam rios de água à superfície do solo e rios de lágrimas nos olhos humanos.»

Muitos monges e freiras residentes nos mosteiros ficaram assustados de morte com a tempestade, à semelhança de simples pessoas do povo. Outros habitantes dos mosteiros encararam-na de modo diferente, e não com os mesmos sentimentos. Tal aconteceu sobretudo a homens outrora poderosos mas que tinham sido obrigados a abandonar o seu próprio poder, os seus reinos, ducados e semelhantes. Uma grande parte deles havia sido enclausurada nos mosteiros pelos seus inimigos ou, em certos casos, pelos seus pais, filhos ou outros parentes. A alguns tinham-lhes arrancado ou cegado os olhos, de maneira que, de tudo aquilo que existe, pudessem apenas ver Deus. Esses prisioneiros nos mosteiros sentiram-se secreta ou francamente

extasiados com a fúria da tempestade. Acreditavam que o Inferno libertara as suas forças mais poderosas para que estas transformassem e destruíssem a Terra, e que a ruína total seria, portanto, inexorável, ou que se aproximava o reino celestial ou o grande e universal silêncio. Deram as boas-vindas a uma tempestade que os ajudaria a escapar, sem quebrar os mandamentos de Deus, da sua prisão terrena. Além disso, a tempestade talvez pudesse roubar a força dos inimigos, pais ou filhos e outros parentes então no exercício do poder, deitá-los abaixo das selas que montavam, arrancá-los dos seus tronos e afastá-los do poder de uma vez por todas; talvez os esmagasse, estropiasse e obrigasse a morrer entre vigas retorcidas e pesados tijolos derrubados. Muitos cativos, presos de diferentes modos, acolheram a tempestade com alegria silenciosa ou barulhenta exaltação, numa época em que o seu único consolo era a esperança da morte.

Havia um homem, porém, a quem a tempestade não despertou pensamentos receosos, eufóricos ou maldosos: tratava-se do diácono Anselmus de Beneventum. Ele encontrava-se a bordo de um navio mercante no centro da tempestade e manteve-se, por conseguinte, imperturbável.

*

A tempestade tornou-se conhecida na literatura sobretudo graças ao secretário Johannes Lupigis, que a menciona frequentemente nas suas memórias. Agibertus escreve: «Quando, esta manhã, desci à biblioteca, voltei a pegar nos seus escritos, que estão preservados aqui no mosteiro, e li-os parcialmente. No volume sobre a sua juventude, Johannes Lupigis escreve – isto teve lugar na Quaresma de 801:

“[...] e ainda hoje, passados vinte e seis anos, consigo identificar os efeitos da tempestade. São efeitos que me causaram uma impressão significativa e duradoura. Eu pensei, ainda que só por um momento, nessa tempestade, quando, no fim do ano passado, testemunhei de perto a imprevista e solene coroação do nosso glorioso rei Carlos como imperador na Igreja de S. Pedro em Roma. Nesse instante, sussurrei para mim mesmo: ‘Johannes, não esqueças!’ E o mais peculiar é que,

nos meus devaneios, usei o meu diminutivo de infância, o nome carinhoso por que me tratavam, na nossa língua longobarda, em Forojuli: ‘Johanniperto, Perto, estás em *fornaccar*, em campos ceifados, mas nunca te esqueças! A *faida* do ar e do mar, a luta entre poderes de que não conhecemos mais do que a força e a implacabilidade, a força imprevisível do ar, aquela *plovus* de fúria cultivadora, não te esqueças delas!’

Ouvi a minha voz de outrora e a minha voz de agora sussurrarem: ‘Perto, não te esqueceste, pois não?’

Respondi com um sussurro àquilo que há muito se perdera ou que, em todo o caso, então se ocultava: ‘Não, tudo permanece ainda. Repousa. A minha mão está ao serviço do imperador e obedece à minha mente, e a minha mente está em paz.’

Uma tempestade inesquecível, sem dúvida! Até aqui em Aquisgranum sinto, por vezes, os seus turbilhões de vento. Espero que sejam os últimos.”

Assim se exprime Johannes Lupigis na sua autobiografia. A sua juventude e a sua vida posterior fascinaram-me porque tocam muito e profundamente a minha própria existência», escreve o cronista e compilador. «Sou Agibertus, chamado, por vezes, e com toda a justiça, o *Zaralho*. Na minha juventude, era um desprezível pecador e mulherego, mas agora, através da força do sofrimento e da fé, sou um homem diferente – um pensador e contemplador em Beneventum, um homem livre numa biblioteca monasterial.»

Os primeiros sinais da tempestade chegaram a Forojuli numa noite, na semana anterior à Páscoa.

Nessa mesma noite, o duque Rodgaud enviou uma mensagem a convidar o seu primo Bertoald Lupigis a visitá-lo, juntamente com a esposa e os filhos, na sua fortaleza. O duque não andava especialmente mais comunicativo do que outrora e o seu rosto lembrava cada vez mais um pãozinho demasiado cozido, como pensava o jovem Johanniperto. Contudo, o duque recebia, à data, inúmeras pessoas em sua casa e alegrava-se por ouvir as conversas corriqueiras, assim como outras conversas mais vulgares ou solenes, como ele chamava às deliberações e aos conselhos.

Johanniperto sabia o que o aguardava. A conversa deveria centrar-se sobretudo no passado. Depois da derrota contra os francos no ano anterior, as famílias mais proeminentes de Forojuli e de todo o ducado reuniam-se mais frequentemente do que antes. Falava-se sobre os velhos tempos, de dias não tão distantes em que o povo lombardo era poderoso e governava com o seu rei e duques fortes em quase toda a Itália. Tinham um rei em Ticinum, que também se designava Pápia, e as suas forças eram suficientes para ameaçar os francos nas fronteiras a noroeste e para influir sobre o que faziam e diziam os papas em Roma. Porém, eram agora governados de acordo com a graça e os caprichos do rei franco. O poder do duque Rodgaud, seu vassalo, repousava na mão real com sensivelmente a mesma segurança que teria na mão de um homem apressado. O tempo dos feitos heróicos passara. A única contenda que ainda se praticava era a discussão

ao serão, acompanhada com cerveja e vinho e, por vezes, boa comida, na casa senhorial situada na cidade ou nas grandes quintas da região e entre os agricultores livres; a conversa melancólica era o unguento que lhes aliviava as almas, dando-lhes esperança e consolo.

Quando a família Lupigis saiu da sua quinta no outro lado do rio, pareceu a Johanniperto, então um rapaz de dezasseis anos, que os seus pais, os seus irmãos, Warnefrit e Conald, o velho tutor Flavianus e os escravos Fulco e Upert pareciam uma procissão cristã – ou talvez pagã – enquanto caminhavam sobre a ponte e atravessavam o portão da velha muralha interior, de construção romana, da cidade, e subiam a curta encosta até à fortaleza. Ele guardou essa imagem na sua memória até muito depois; uma imagem que, além de não se desvanecer com os fumos do tempo, se tornou ainda mais detalhada com o passar dos anos. Essa imagem era a seguinte.

À frente seguiam os escravos com uma tocha e uma lanterna apagada. Fulco caminhava com o corpo enviesado, o braço esquerdo esticado de modo a manter o equilíbrio, o queixo levantado, os grossos tendões do pescoço estirados, o pesado braço direito segurando bem alto a tocha. Sombras rastejavam inquietamente no solo em volta. A luz da tocha bruxuleava sobre o rosto de Fulco, normalmente tão inexpressivo, dando-lhe mais vida; os seus olhos brilhavam com um tom castanho-amarelado, e esgares surgiam e desapareciam-lhe do rosto: dir-se-ia que ele conduzia uma dança. Atrás dele, a silhueta alta e possante de Upert, como que uma estátua em marcha vestida com um casacão. Ao tremer sob o vento, o casacão libertava o cheiro a suor do trabalho pesado e a cavalos; e Upert segurava na lanterna apagada como se quisesse espalhar a sua escuridão sobre a luz da tocha. Atrás dos escravos caminhava o imponente Bertoald, o pai da família, com passos longos e dignos que marcavam o ritmo da procissão, e ao seu lado a sua esposa, Liutperga; a sua pequena e frágil Liuta. Atrás dela seguia Warnefrit, o filho mais velho, tão alto e forte quanto o pai, e o filho do meio, Conald, meia cabeça mais baixo, que tinha uma mão encostada à face, pois sentia novamente dores de dentes. Johanniperto, o filho mais novo, e Flavianus eram os

últimos da fila, e tão afastados do brilho da tocha que mal aproveitavam a sua luz.

Flavianus emitia continuamente ruídos, escarrava e soltava os resquícios da tosse de Inverno ainda contidos no peito, inspirava ruidosamente pelo nariz, roncava, gemia e murmurava, num som entre um distúrbio gastrointestinal e um silvo. O seu corpo tinha então sessenta e cinco anos. Johanniperto era capaz de interpretar todas as suas vocalizações: lamentos, reflexões silenciosas, impaciência, satisfação, insatisfação ou o desejo – que, não sendo exclusivo daquela época, sempre sentira – de partilhar os seus conhecimentos sobre as coisas essenciais da vida, sobre a beleza ou as vicissitudes deste mundo, e de fazer diversos tipos de previsões sobre o futuro. Ele fervilhava de ideias e exprimia profusamente todas as suas opiniões e previsões sobre a vida, mesmo quando se tratava de guerra e agricultura. Na verdade, não era um orador inconveniente, mas não perdia uma oportunidade de mostrar os seus conhecimentos; não resistia à sua natureza. Flavianus fora professor de Bertoald e do diácono Anselmus quando estes eram jovens, e depois conseguira que Warnefrit e Conald aprendessem a ler e a escrever razoavelmente, embora nenhum deles mostrasse apetência pelos estudos. Nesta época, dedicava-se por completo a Johanniperto, ensinando-lhe latim desde os dez anos, grego desde os quatro; aperfeiçoava-lhe a dicção e a escrita do latim, ao mesmo tempo que lhe permitia estudar a língua do seu povo, o velho longobardo. Seria útil no futuro, sugeria ele ambiguamente. O seu espírito transbordava de um conhecimento animado, vivo, e por vezes oculto, bem escondido no seu interior; conseguia ensinar o que quer que fosse, mesmo – segundo afirmava Johanniperto, que com ele partilhava o seu quarto – quando dormia. Johanniperto entendia a maior parte das afirmações, das sugestões e dos conselhos que o velho comunicava de um modo hábil e simples através de grunhidos, roncões, guinchos e grasnidos saídos do peito. Os ruídos continham sempre um sentido.

Flavianus era, em parte, de ascendência romana e fora educado como um genuíno romano. Contudo, vivera, na sua juventude e no início da idade adulta, na corte ducal em Beneventum e na corte real

em Papia. Ele era amado, respeitado, venerado por muitos, e nunca desprezado. Era um grande conhecedor dos homens e também sabia muito sobre as mulheres, algo que os seus desejos corporais agora mortícios não fariam prever. Quem poderia dizer quanto ele definhara? Por vezes, os seus olhos perdiam a opacidade e brilhavam devido a algo, alguma coisa que não fosse a sua sabedoria, a sua orgulhosa capacidade de fazer citações e de criar hábeis jogos de palavras. Em algumas ocasiões, mencionou de passagem – a Johanniperto – que, uma vez, «fugira a cavalo». Não disse de onde nem do quê. A sua voz era triste, mas os olhos brilhavam e o olhar era penetrante. Johanniperto lembrou-se disso enquanto caminhavam lentamente atrás da tocha a caminho da fortaleza. Recordou também as palavras de uma escrava grávida: «O senhor Flavianus consegue cheirar tudo! O senhor Flavianus consegue tossir e arfar tudo aquilo que quer dizer sem precisar de o dizer!» Nesse instante, Johanniperto pensava: *Esta noite, ele cheira a escuridão, e ela cheira bem*. Sim, ele percebia como o velhote saboreava aquela noite, a escuridão especial daquela noite, e engolia parte dela e cuspiam, tossindo, outra parte; e que talvez caminhasse envolto nela enquanto dormia.

*

O vento era ameno e exalava uma fragrância primaveril. Quando Fulco parou no outro lado da ponte de madeira e ergueu a tocha bem alto acima da cabeça, as chamas não tremeram muito. O rio Natisonis, cheio devido à água do degelo proveniente das montanhas, corria abaixo deles, e o seu som era abafado mas poderoso. As casas assentes nos rochedos da margem estavam silenciosas e escuras. Sons distantes percorriam as ruas, enquanto a cidade se preparava para a noite. O mosteiro achava-se silencioso, assim como a igreja nova e a igreja velha, também elas silenciosas e escuras, e esta última já não era assombrada pela antiga bruxaria dos arianos. O silêncio enchia os calabouços da antiga prisão nos rochedos da margem, abaixo dos alicerces da igreja. As almas estavam ansiosas. Havia serenidade e preocupação.

Johanniperto lembrou-se novamente de que recebera, nesse dia, uma carta trazida do Sul por um mensageiro a cavalo, que a transportara dentro do casaco. *Como um pássaro junto ao peito*, pensou o filho mais novo, usando palavras que encontrara num poema. A carta fora enviada pelo irmão de Bertoald, o diácono Anselmus de Beneventum, e continha, como habitualmente, palavras que pretendiam, sem dúvida, transmitir-lhes serenidade e conforto. Talvez deixasse também transparecer, como de costume, alguma preocupação, sim, uma certa inquietação, uma brisa de apreensão, ou mesmo um odor de perturbação nas entrelinhas da carta.

Mas, por enquanto: serenidade. Serenidade sobre a cidade e sobre os campos. A quinta e os campos de Bertoald, a sua vasta herança, situavam-se no outro lado do rio, onde tinha início a estrada para Aquileia. Na colina, dentro do portão da cidade aberto na muralha interna, onde já não havia sentinelas, o pai de família parou e, perscrutando sobre a muralha externa e a curva do rio, tentou descobrir a sua casa. Porém, estava tudo envolto em escuridão.

– Está a levantar-se vento – disse ele à esposa. – Espero que traga consigo chuva, minha querida Liuta.

Johanniperto ouviu a voz da mãe:

– Mas o céu está limpo e as estrelas brilham, meu querido Bertoald.

Eles atravessaram o portão da muralha e subiram a curta colina até à fortaleza. Johanniperto sabia que o seu pai o fazia sempre contrafeito. Bertoald chefiara algumas vezes expedições militares na sua juventude e, mais recentemente, chegara a cumprir as mesmas funções no ano anterior, mas sentia-se melhor enquanto proprietário rural. Além disso, mantinha negócios com as cidades vizinhas de Utina, Aquileia e Trevisum, e ocasionalmente, em época de paz, com Ravenna e Ariminum. Vendia cavalos, gado, cereais e alguns produtos de ferro, mas raramente vendia algum dos seus escravos, como muitos proprietários haviam feito no ano anterior. Quando ele resolvia fazer um desses negócios, devido, por exemplo, a um ataque de mau humor, e vendia um escravo desobediente a compradores venezianos para que o deportassem, costumava defender-se diante

de Liuta afirmando ter a certeza de que Nosso Senhor lhe perdoaria o negócio. Era apenas preciso recordar que muitos escravos não poderiam ser considerados verdadeiros cristãos; em todo o caso, nem sempre eram crentes na Igreja Romana em que se pudesse confiar. Por outro lado, era possível que os escravos gostassem de sair e ver o mundo, segundo argumentava Bertoald. No entanto, a verdade é que não se sentia satisfeito consigo próprio, e nos dias posteriores à venda de um ou mais escravos, era ainda mais parco em palavras do que habitualmente, o que significava que em casa imperava um grande silêncio. Em algumas ocasiões, ele chegara mesmo a cancelar a venda de um escravo e aceitara a perda de dinheiro sem um único queixume – tudo para fazer a vontade à sua Liuta.

No alto da colina o ar era também calmo e ameno. Eles pararam na ponte levadiça sobre o fosso pouco profundo diante do portão da fortaleza para deixar que Flavianus recuperasse o fôlego enquanto eles observavam as estrelas. Johanniperto pensou que as estrelas pareciam pontos de costura na capa escura do céu. Por esses orifícios passava alguma da luz eterna que descia até à escuridão da terra em baixo. Os restos da luz divina – assim se lhe poderia chamar –, os restos da luz do céu que os faziam esticar o pescoço. Bertoald e Liutperga gostavam muito de observar as estrelas e Flavianus tentou, com dedos trémulos, apontar as constelações que ele achava conseguir perceber com os seus olhos baços. Como frequentemente acontecia, pediu ajuda a Johanniperto:

– Empresta-me os teus olhos, meu caro Johannes!

Quando Johanniperto virou a cara para o céu, os odores primaveris entraram-lhe rapidamente pelas narinas. Semicerrou os olhos por um instante e nem sequer tentou responder correctamente ou com sensibilidade, ou mesmo ajudar a explicar. Nesse momento, pensava, como se a visse diante de si, em Angila, Angilperta, a filha de Rodgaud, e as suas respostas tornaram-se confusas. Flavianus falou sobre Boötes, uma estrela que guiara comandantes e heróis de guerra dos tempos passados nas suas longas viagens e expedições em terras desconhecidas. O velho estava exaltado; as suas mãos tacteavam

no ar, na ciência das estrelas e na História enquanto falava com a sua voz entrecortada. A sua memória também apresentava falhas e, por conseguinte, os seus conhecimentos fluíam como se proviessem de dentro de um barril rachado: com uma generosidade pródiga e confusa. De repente, mencionou a Lua, que ainda não se erguera.

– A nossa Luna é certamente um país – disse ele. – Talvez alguém a habite. Um rei, um duque sentado num trono de ouro. Antigamente, o homem acreditava que a Lua tinha campos e prados onde se cultivavam sementes de ouro e havia feno de prata. Por vezes, pode aspirar-se a ir lá.

Tomado pela doçura da sua disposição, Johanniperto não mostrou um coração suficientemente empedernido para discutir com o seu tutor. Os outros, calados, escutavam. A luz da tocha bruxuleou sobre eles. Conald tinha a boca meio aberta, a bochecha esquerda ligeiramente inchada pela dor de dentes. Warnefrit, o fútil amante de escravas e apreciador de vinho, olhava fixamente para o céu. Poder-se-ia pensar que examinava a Lua para lhe cuspir em cima. Um dia, casar-se-ia com Angila, mas talvez não se interessasse muito por ela. Tinha os maxilares cerrados com força, o queixo saliente coberto com uma leve barbicha loiro-arruivada – demasiada pujança para um fardo tão pequeno. Parecia, ao lado da sua mãe, um gigante. A pequena senhora Liuta observava o céu como uma dona de casa, como se olhasse para a sua horta. Bertoald, de pernas abertas, mostrava-se indeciso e não sabia realmente o que pensar das enigmáticas constelações. Talvez temesse incomodá-los com perguntas a que não saberiam ou a que não quereriam responder; respeitava, sem dúvida, a sabedoria de ambos, mas não se atrevia a pô-la à prova. E a postura corporal dos dois escravos, Fulco e Upert, permitia imaginar que suportavam a abóbada celeste sobre os ombros. Assim era a imagem que Johanniperto nunca esqueceria.

Ele próprio não observava muito atentamente as estrelas. Na verdade, nem sequer olhava para elas, tendo voltado a fechar os olhos. Viu novamente o rosto de Angila, as faces macias da rapariga de catorze anos, a boca suave e o pescoço branco, o cabelo dourado, os olhos azul-claros. E a sua visão interna, o olhar curioso do adolescente,

divagava para mais longe, para as regiões mais baixas e atraentes. As constelações, cuja imagem persistia ainda nos seus olhos, viram a sua forma moldada de acordo com a silhueta corporal de Angila. Ela estava perto, pensava ele, ela estava ali e era a brisa suave, as fragrâncias da noite, os odores primaveris da luz das estrelas.

«Nunca mais senti um momento tão doce como esse», escreveu Johannes Lupigis muitos anos depois. «Todo o homem que tem ou teve uma amada juvenil e se recorda dos gestos dessa amada deverá compreender-me. É verdade que, mais tarde, conheci a felicidade, tanto a felicidade violentamente corporal, terrena, quanto a felicidade suavemente celestial, lunática, uma bênção do céu recebida nas mais estranhas circunstâncias, mas nunca senti nada de semelhante à felicidade que me preencheu por completo num instante naquela noite. Não pretendo alegar que se tratou de um tímido desejo do corpo, nem, por outro lado, negá-lo. Tal desejo não se encontrava longe. Estava dentro de mim, mas Angila não surgia claramente como o seu objecto. Aquilo que em mim habitava era, na verdade, um sonho de doçura, e não o completo desejo de possuir e assimilar essa doçura; não, apenas de tocar, ou nem sequer tocar-lhe, mas ficar próximo, de existir no ar doce. Proteger a doçura. Defender a doçura e, impotente, elevar-me nela, afundar-me, cair com ela, ser arrebatado na sua proximidade, afogar-me e morrer no seu olhar. Só outra vez, numa noite passada numa fortaleza pobre mas, ainda assim, rica junto ao Lacus Lemannus, estive perto de sentir um momento de felicidade tão completa, embora, neste caso, de um género mais violento; uma felicidade que, contudo, desapareceu com a alvorada. É por isso que ainda recordo tão nitidamente essa caminhada à noite até à fortaleza do duque Rodgaud em Forojuli. Recordo-a como um momento de felicidade em que toda a terra e todo o firmamento repousaram numa brisa de bondade e de alegria, antes da tempestade da Páscoa do ano de 775 após o nascimento do Nosso Redentor.»

Algumas horas mais tarde, quando estavam no salão do duque Rodgaud, sentiram a brisa gentil transformar-se num vento mais intenso e, por fim, crescer até se tornar uma tempestade.

O ambiente fora, pelo menos no início, serenamente sonolento. As velas em cima da mesa iluminavam em silêncio. Os toros de castanheiro ardiam em fogo brando na grande lareira e, de vez em quando, as pinhas de lariço ou de pinheiro crepitavam. Não havia banquete nessa noite, aparentava ser apenas um simples serão calmo com vinho, cerveja e nozes à disposição. Liutperga encontrava-se nos aposentos da duquesa. O duque, os seus dois filhos – Gidfrit e Alapert –, o seu irmão Faroald, o seu cunhado Ariulf e os seus amigos íntimos Stabilinus e Felix estavam sentados à mesa com Berthold Lupigis, Warnefrit e Conald, e todos tinham à sua frente um cálice. Os mais velhos falavam ainda em voz baixa e, quando alguém fazia um gesto, as chamas das velas bruxuleavam. Flavianus dormitava já numa poltrona junto à lareira, e o seu nariz assobiava; as suas mãos de formas delicadas, piamente unidas, pareciam ressequidas como maçãs velhas. Angila estava sentada num banco aos pés de Flavianus e aguardava que ele despertasse e lhes contasse histórias e lendas. Johanniperto pegara corajosamente num banco e colocara-se diante dela, tão próximo quanto se atrevia. Ele partiu nozes, atirou as cascas para as chamas e ofereceu-lhe o interior. Ao fazê-lo, as pontas dos seus dedos tocaram nos de Angila e, por um instante, os seus olhares encontraram-se. Quando ela se mexia, o seu colar brilhava; tratava-se de um crucifixo de prata com pedras

verdes e vermelhas, preso numa fina corrente de ouro. De vez em quando, ela erguia uma das suas mãos macias e esguias e tocava no colar, com os lábios a tremer-lhe até surgir um sorriso.

Johanniperto sentia apenas felicidade e uma alegre inquietação. Ali, podia observar-lhe o rosto, a fronte branca e pura, o pequeno nariz, a boca semiaberta e ingénua, o suave contorno do queixo, o seu pescoço branco. O desejo: tocar-lhe no cabelo brilhante, curvar-se para diante e acariciá-lo. O sorriso nos seus olhos claros como o mar insinuava que queria romper em gargalhadas. Ele pensou que o seu retrato deveria ser pintado, para que o pudesse guardar e tê-lo sempre consigo, durante toda a vida.

Perplexo, virou-se na direcção da mesa e viu a cara de Warnefrit. Pouco depois, este levantou-se e abandonou o salão. Conald seguiu-o com o olhar; inicialmente, com curiosidade e, depois, com desconfiança. Warnefrit não esteve ausente por muito tempo. Quando voltou a entrar, não se dirigiu imediatamente para a mesa, mas para a lareira. Ali, aquele homem corpulento, com o queixo encostado ao peito, olhou para o seu irmão mais novo e para Angila.

– Não têm calor?

A sua boca parecia ter dificuldade em formar as palavras que, de resto, eram estúpidas. Ele olhou para baixo, para o regaço de Angila, a língua entaramelou-se-lhe, a garganta secou. *Olha só para ele!*, pensou Johanniperto. *Olha para ele, para aquele bode estúpido! Pois se ele até fede a bode!*

Palavras novas e laboriosas saíram da garganta de Warnefrit:

– Estás a sonhar sentada, Angilperta? A sonhar, hã?

– Não – respondeu ela, sem olhar para ele; os seus olhos riam-se para Johanniperto.

Warnefrit tentou pensar em algo mais para lhe dizer, mas as palavras não lhe surgiam. Então, corando subitamente, passou por trás de Felix e andou à volta da mesa até chegar à sua extremidade. Tacteu o seu caminho como se estivesse na escuridão ou se encontrasse cego com a fúria, e embateu com os pés e os joelhos em bancos e cadeiras antes de encontrar o seu sítio; depois, virou o seu cálice, que estava vazio. Pegou nele e ergueu-o para que fosse enchido por

um escravo que transportava um jarro de vinho; bebeu violentamente, sorvendo ruidosamente o vinho, e bateu com o cálice na mesa.

Conald observava-o, embaçado, de boca e olhos bem abertos. De seguida, também ele se levantou e saiu. Imitando perfeitamente Warnefrit, voltou a entrar pouco depois, deu a volta à mesa por trás de Felix e parou à frente de Angila. Embora fosse um rapaz de dezoito anos, o seu rosto era ainda redondo e imberbe e, nesse momento, pareceu um atleta estúpido e perdido que não sabe o que fazer com a sua força. Conald passou os dedos pela face esquerda, inchada com a dor de dentes. Olhou para baixo, para Johanniperto e Angila, a sua cabeça virando-se pesadamente, primeiro para o rapaz, depois para ela e, por fim, para Flavianus. Curiosamente, descobriu algo para dizer:

– O Flavianus é capaz de risonar, isso é certo! Já ouviste o seu nariz assobiar, Angilperta?

– Sim – respondeu ela, não erguendo o olhar para ele; os seus olhos riram-se novamente para Johanniperto.

Conald continuava com os dedos sobre a bochecha, a boca meio aberta, procurando palavras que não lhe saíam. O rubor rastejou como uma sombra desde a sua garganta até às faces redondas e inchadas. Ele cheirava a suor de trabalhar e cavalgar, e deixou atrás de si um odor a vaca e cavalo quando se virou e regressou à mesa. Durante algum tempo, tanto o seu rosto quanto o de Warnefrit permaneceram vermelhos. Então, como se tivessem pensado simultaneamente na mesma coisa, ambos os irmãos empalideceram como que prestes a desmaiar. Não falaram um com o outro. Ficaram ali sentados enquanto se odiavam mutuamente, corando e empalidecendo alternadamente, e brilhando sob a luz proveniente da lareira.

Em volta da mesa, as vozes murmuravam. Rodgaud, com as suas pesadas bochechas descaídas, demonstrava a sua insatisfação e expunha os seus planos. Johanniperto não o escutava. As suas próprias faces estavam inflamadas, mas devido ao calor do fogo, e não se atrevia a olhar para Angila. A fragrância dela chegava-lhe ao nariz. Pensou em várias formas de assassinar os seus irmãos – com uma faca, um machado ou veneno. Como ele gostaria que surgisse uma nova guerra que fosse declarada de imediato, uma guerra na qual

eles pudessem ser trespassados por uma lança ou uma espada, ou apanhados numa emboscada, fugindo sem honra nem glória! Também poderiam, por exemplo, cair dos seus cavalos em caminhos estreitos e íngremes nas montanhas e partirem o pescoço, ou serem capturados pelos francos e atirados para masmorras sem janelas. Porém, quando ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Angila, todos esses pensamentos desapareceram. A mente clareou e a raiva desapareceu no fundo da sua alma. Angila virou a cabeça e ele viu-lhe a silhueta em contraste com a luz do fogo. A sua boca pareceu-lhe mais severa; as feições, tensas; e o nariz estreito, com narinas sensíveis, mais curvado do que anteriormente. *Ela mudou*, pensou ele. Era uma ave de rapina prestes a ser apanhada e talvez pronta a defender-se com toda a sua força. De seguida, também essa ideia se desvaneceu; ela virou-se novamente para ele, os seus olhos riam-se, a doçura reapareceu.

As longínquas vozes em volta da mesa murmuravam. A de Rodgaud era a mais límpida e, por vezes, animava-se inesperadamente até falar em voz alta. Como era hábito ao serão, Bertoald escutava as conversas num silêncio atento. Stabilinus, que era magro e possuía um comprido nariz vermelho e lábios finos, murmurou astutas palavras repletas de insídia e de ódio. O ódio no rosto: ele recordava os seus próprios sofrimentos e como, no ano anterior, *os outros* o haviam torturado. Ariulf e Faroald, cabisbaixos, de ombros largos e olhos apáticos, possivelmente adormecidos pela cerveja e pelo vinho, contribuíam para os murmúrios conversando mais adiante na mesa. Gidfrit e Alapert, os filhos de Rodgaud, homens jovens, arrogantes e fortes habituados a imaginarem-se como futuros duques ou numa posição ainda mais elevada, naquele local ou noutra qualquer, sussurravam entre si ansiosa, inquieta, desdenhosa ou timidamente. Warnefrit e Conald não participavam nestas conversas sussurradas. Provavelmente não as escutavam com atenção, estando demasiado abstraídos a olhar para Angila e lançando entre ambos olhares de soslaio, cheios de ódio. As velas tinham ardido até mais de metade, as suas chamas curvando-se sob uma ocasional corrente de ar causada por um movimento súbito, por palavras que rastejavam ou

saltavam pelo salão. Junto à porta, os escravos respiravam pesada e irregularmente como se, de vez em quando, os seus corações parassem por completo. O nariz de Flavianus assobiava num tom mais elevado com um ruído mais estridente.

Então, chegou a primeira rajada de vento. Desceu pela chaminé, lançando o fumo para o interior do salão, apagando as velas na mesa e espalhando fagulhas fora da lareira. Flavianus acordou, espirrou e, confuso, pestanejou, olhando em volta antes de começar a tossir. Johanniperto semicerrou os olhos, que choravam devido ao fumo, e abriu-os novamente, mesmo a tempo de ver uma fagulha no joelho de Angila. Antes de ter tempo para pensar, inclinou-se para a frente e sentiu o suave contorno da sua coxa por baixo da mão. Os seus irmãos tinham-se levantado e o rosto do duque Rodgaud empalideceu como um pão castanho-escuro cortado a meio; viraram-se todos para a lareira. Angila, contudo, limitou-se a examinar o seu vestido, sacudindo algumas cascas de noz e fagulhas com as suas mãos esguias, e a dizer calmamente:

– Obrigada, Perto. Não chegou a abrir um buraco.

O silêncio. A expectativa. O ódio. A ira do pai.

– Vai ter com a tua mãe, Angilperta! – gritou Rodgaud.

Nesse preciso momento, uma segunda rajada de vento desceu pela chaminé e fez mais fumo entrar no salão.

– Esta rajada foi forte – disse Bertoald Lupigis, e estas foram as suas palavras mais claras nessa noite; a sua voz denotava preocupação. – Deve haver tempestade no mar.

Os rostos assustados da duquesa Giseverga e de Liuta surgiram no vão da porta. Giseverga protegia o rosto com as mãos, afastando o fumo.

– Isto aqui está cheio de fumo! Que Deus nos ajude, há tempestade lá fora!

Quando Angila chegou junto da mãe, virou-se para a mesa, para a lareira. À luz trémula, Johanniperto pensou vê-la sorrir-lhe – um sorriso que flutuou como as sombras e as nuvens de fumo que então rodopiavam pelo salão.

Assim que Fulco e Upert se viram para lá da muralha da fortaleza, o vento apagou a tocha e a lanterna tremeu até se extinguir. Acumulavam-se nuvens vindas do Sul, escondendo as estrelas e a frágil Lua. A família Lupigis avançou contra o vento e desceu cuidadosamente a colina. Johanniperto segurava o braço de Flavianus para evitar que o velho fosse arrastado pelo vento. Warnefrit e Conald caminhavam imediatamente à sua frente. No portão da muralha exterior, o seu irmão mais velho gritou-lhe junto à cara, sobre o ombro:

– Com que então apagas fagulhas, Perto!

Conald não disse nada, provavelmente por sentir novamente a dor de dentes. Mas cuspiu contra o vento, de modo que o cuspo atingiu aqueles que estavam atrás de si.

*

Flavianus disse as orações da noite no salão de Bertoald, fazendo súplicas especiais a São Donatus e ao seu santo patrono, São Barbatus.

– Tem misericórdia deste povo desgraçado! – exclamou ele. – Protege-o desta tempestade e de outras tempestades que hão-de vir! Salva-o de ilusões, de maus conselhos, de acções precipitadas! Salva-o de planos desastrosos! Que Deus Nosso Senhor possa espalhar o seu manto de liberdade e paz sobre todo o sobressalto! Que ele nos dê anos prósperos!

A oração do velhote arrastava-se interminavelmente e Johanniperto presumiu ser esse o método que secretamente usava para criticar os planos tartamudeados por Rodgaud; ele escutara, sem dúvida, tudo o que fora dito. A oração foi desconexa, ambígua, muitas vezes incompreensível, e cheia de interrupções e enganos. Concluiu-a ao pedir apressadamente que Deus abençoasse a casa, a cidade e o país. Não mencionou a fortaleza.

Ao terminar a sua oração, bocejou copiosamente e pensou dirigir-se aos seus aposentos. Bertoald, contudo, pediu-lhe que esperasse um pouco e procurou a carta que recebera do seu irmão Anselmus, diácono em Beneventum.

– O Anselm chegará aqui, sem dúvida, em breve, a bordo de um navio vindo de Garganus ou Piscaria, ou talvez de Ancona. Pode até já estar a caminho. Ele acredita que chegará cá a tempo da Páscoa, mas não se consegue perceber bem a sua caligrafia.

Bertoald não lia com facilidade nem vontade, sendo um pobre discípulo de Flavianus. Pedia sempre ajuda ao seu velho professor, atribuindo a culpa das suas dificuldades à sua fraca visão – que, na realidade, era excelente. Assim, colocou a carta à frente do velho míope e perdido de sono e começou a falar-lhe em sussurros. Johanniperto, o filho mais novo, que não tinha autorização para ouvir, considerou aquele momento embaraçoso. Bertoald não percebia todas as letras, e Flavianus não as conseguia ver devidamente, mas nenhum pediu ajuda a Johanniperto. A porta do quarto de Warnefrit e de Conald estava aberta. Warnefrit saíra de novo, presumivelmente para ir ter com alguma rapariga; contudo, era provável que Conald os escutasse. Johanniperto sentiu-se zangado e irritado, e também ansioso. Por fim, ao aproximar-se um pouco, pôde confirmar o que já suspeitava. Anselmus encontrava-se possivelmente no mar, e em breve estaria em Foro Juli, capaz de explicar pessoalmente certas coisas «aquí apenas mencionadas de passagem, depois de, com a ajuda divina, chegar a tua casa, meu querido irmão Bertoaldus».

Quando, por fim, a carta foi meticulosamente estudada, soletrada, sussurrada, bocejada, alvo de adivinhações e interpretada e em certas partes adequadamente censurada, Flavianus disse a Bertoald:

– Ele quer levar o Johannes consigo para Beneventum e talvez para Mons Cassinum, agora ou mais tarde durante este ano. Ele acha que seria bom para o nosso Johannes, e para todos nós. Talvez o venha buscar agora; não é claro. Encontra-se bem de saúde e tem estado, como habitualmente, muito ocupado.

– Que gentil de parte dele dispensar-nos o tempo de uma visita – disse Bertoald. – Ele é, sem dúvida, um irmão fiel. Deseja fazer o seu melhor pelo Perto. Talvez até já o tenha feito.

Eram muitas palavras para o habitualmente lacónico Bertoald Lupigis. Toda a sua voz era reverência e afecto pelo irmão. Contudo, nesse momento, Johanniperto odiou o seu pai. Em relação ao tio,

o diácono, famoso erudito e historiógrafo, poeta e professor, amigo de papas, reis e muitos duques, sentia, nesse momento, repugnância, talvez ódio. Em pensamentos, chamou-lhe velho, uma velha carcaça metedica, pois não passava de um homem que, no seu excessivo zelo e obstinação, se intrometia nas casas e nas vidas dos outros sem sequer ter sido convidado.

O filho mais novo saiu e vagueou pelo terreiro, onde sentiu o vento forte soprar-lhe em volta dos ouvidos. «Quero ficar aqui!», gritou ele. Warnefrit, felizmente, não estava por ali. Estava certamente, como era hábito, com Rainza, ou com a sua irmã mais nova, ou com qualquer outra escrava, libertando desse modo a sua ira. Quando Johanniperto voltou a entrar, o salão estava vazio e a porta do quarto dos seus irmãos, fechada. Ele entrou no quarto que partilhava com Flavianus, despiu a roupa na escuridão e enfiou-se debaixo do cobertor. A sua boca estava seca com a raiva, a tristeza e o amor frustrado que sentia. Recordou o sorriso de Angila quando ela se virara para ele entre os remoinhos de fumo. Lá fora, o vento transformava-se em tempestade, agora suficientemente forte para partir troncos de árvores e agitar o oceano. A tempestade inundou os olhos do jovem Perto. Flavianus, na segunda cama, susteve a respiração, escutou os sons tristes, fingiu ressonar e voltou a pôr-se à escuta, enquanto o seu velho nariz assobiava ansiosamente.

E a tempestade:

A tempestade formou-se a sudeste e, no início, mostrou-se inocente, como se brincasse a agitar a poeira e a espalhar as folhas mortas a oeste das montanhas de Pindus em Epirus, na Grécia. O vento rodopiou e tocou – primeiro ligeiramente e depois mais violentamente – nas jovens ervas e rebentos, e em estremunhadas flores acabadas de desabrochar. Antes de, por fim, partir, desgrenhou, de modo provocador, uma cabeça aqui e uma barba ali, e pregou partidas primaveris a ovelhas, tanto às recentemente tosquiadas quanto às não tosquiadas, e remexeu o pêlo de cabras aflitas nas ilhas jónicas. De seguida, tornou-se séria e partiu rodopiando para noroeste, atravessando o mar em direcção a Itália. Em Cócira, na praia de Nausícaa na ilha homérica da espera, aumentou de velocidade. Na faixa de mar até Brundisium no lado apuliano, onde termina a antiga Via Ápia, adquiriu a fúria e a turbulência de uma tempestade verdadeiramente memorável.

A primeira turbulência que anunciou a tempestade foi uma massa de ar inquieto, que depressa atingiu o ducado friulano e a cidade de Forojuli. Apercebendo-se de que o seu tio, o diácono, estaria possivelmente no mar, o jovem Johanniperto Lupigis pediu silenciosa mas suplicantemente a Deus, a São Miguel Arcanjo, ao Santo Bispo Donatus e a São Barbatu que o tempo fosse cruel e, se não mortífero, pelo menos mau o suficiente para atrasar o tráfego e afectar os navios. Deus e os outros poderes invocados ouviram fragmentos da

súplica do jovem, mas não atenderam por completo aos seus pedidos amargurados.

A tempestade, agora na sua máxima força, lançou-se ao longo da costa oriental de Itália com uma fúria a ponto de serem arrancados telhados, edifícios curvarem-se para sempre em humilde fraqueza e cidades inteiras tremerem. Na região montanhosa de Garganus, uma bela península rica em grutas, os pequenos portos no flanco norte não tiveram descanso por mais tempo do que o necessário para suspirar. Toda a costa até Piscaria, Ancona e Pisaurum foi varrida severamente pela rude vassoura desses dias de Quaresma. No interior, troncos de árvore partiram-se a meio, pinheiros saltaram da terra quando as suas raízes frágeis cederam, oliveiras que durante séculos haviam oferecido o seu fruto a incontáveis bocas e orgulhosos ciprestes viram-se obrigados a curvar-se até as suas cascas se desfazerem em lascas, gemendo e gritando quando os seus velhos ramos foram arrancados. A erva silvava o seu lamento, a terra fumegava. Em Ariminum, pensaram que chegara o dia do Juízo Final, um apocalipse merecido, sem dúvida, mas, de certo modo, chegado num momento inconveniente. No antigo Exarcado de Ravenna, o chão plano abriu-se e Teodorico, *o Grande*, saltitou na sua sepultura quando a própria campá tremeu. Pulando entre os mosaicos nas igrejas, lascas de pedra mudaram de cor e saltaram pelo chão como pulgas loucas e, segundo se diz, em Galla Placidia as estátuas sagradas bateram e rangeram os dentes. A norte de Ravenna, a lagoa cheia de enguias ferveu como uma panela gigantesca na mão do Diabo, e as enguias curiosas que colocaram as cabeças de fora foram imediatamente atiradas para terra, onde foram enfiadas em cestos pelos homens corajosos de Comiacum que se atreveram a sair de casa. Mandavam-se rezar, em todos os locais, orações especiais adequadas à ocasião; contudo, não se descobriam ou inventavam facilmente orações tão poderosas em tão pouco tempo. Escravos secretamente pagãos ou arianos apelavam para santos divinos e salvadores quase esquecidos ou praticamente desconhecidos. Velhos usurários morreram com violentos ataques cardíacos, notas promissórias espalharam-se pelo ar e, no meio de

toda aquela confusão, sentiu-se, em vários locais, um certo alívio temporário.

A tempestade não mostrou consideração por nada humano ou terrestre, atacando tudo como se recebesse ordens da inescrutável – e, por enquanto, inesperadamente furiosa – vontade divina. Posteriormente, alguém escreveu que a sua implacabilidade foi um dos primeiros sinais claros de que Nosso Senhor entrara ao serviço de Carlos Magno, rei dos francos. Em todo o caso: a tempestade prosseguiu com toda a sua força para lá de Ariminum, lançando a fúria do seu flanco esquerdo nas planícies de Padus, onde deixou provas e testemunhos da sua passagem em todas as aldeias e cidades. As pessoas agachavam-se, aterrorizadas, sob a fúria da tempestade e o medo cresceu até se tornar pânico. Então, aquela força, aquele instrumento de horror, atravessou Bononia, Mutina e Parma, visitou e afligiu Ferraria, Mantua e Venetia, e parecia, na sua incrível imensidão, estar em todos os locais ao mesmo tempo. Atacou Verona e Brixium, rodeando e cobrindo com as suas asas destruidoras os distritos vizinhos e, simultaneamente, lançando-se sobre a antiga capital longobarda de Ticinum, também chamada Pavia. Nesse percurso, alcançou uma ferocidade nunca antes experienciada ou, pelo menos, nunca relatada em tempestades anteriores, e podemos imaginar como esta violência deve ter sido interpretada por homens e mulheres simples, sem nenhuma educação e extremamente apavorados.

O vento só se acalmou, por fim, quando se encontrou a alguma distância de Mediolanum, travado talvez pelas altas montanhas que delimitam a fronteira entre os francos e os récios. Porque, por essa altura, a tempestade estava exausta e necessitava de descansar. No alto, a noroeste e a norte, fundiu-se com chuva que se transformou rapidamente em granizo e depois em neve nos cumes das montanhas – neve que, no Verão, mais cedo ou mais tarde, derreteria e faria transbordar os rios.

Levado por uma necessidade espiritual ou pelo desejo do homem erudito de organizar e tomar notas, Johannes Lupigis recolheu relatos da tempestade que tanto influenciou a sua vida.

Em dado ponto, ele escreve cuidadosamente, como é seu hábito:

«Se a tempestade tivesse caído ainda mais intensamente sobre um certo local na superfície do mar, e se a velocidade do vento tivesse sido tão grande a ponto de provocar um certo acidente, mais concretamente aquele que eu pedi a Deus e a tantos poderes sobrenaturais – e ainda outros –, as palavras escritas nesta folha seriam provavelmente outras. Se a minha súplica, derivada da cegueira e da fúria de um adolescente, tivesse sido atendida – levando a que pelo menos um navio se afundasse no mar Adriático ou encalhasse na costa italiana –, é improvável que eu estivesse agora em Aquisgranum, segundo creio. E se não tivesse existido nenhuma tempestade e se Deus, São Donatus e São Barbatu – entre outros – não tivessem decidido tentar castigar as pessoas desse modo, aquela ventania, que transportava consigo eventos futuros, não teria desido pela chaminé do duque Rodgaud. A fagulha não teria caído no regaço de Angila, na sua saia, e a minha mão nunca teria sentido o que, nesse momento, determinou tão inexoravelmente o meu destino. Falo agora de amor e de desejo, forças que me surgiram então com um poder capaz de orientar uma vida.

Se a tempestade não se tivesse originado e atingido a sua máxima força nos dias anteriores à Páscoa de 755, o meu tio Anselmus poderia ter nutrido outras ideias. A sua boca e os seus lábios poderiam ter formado outras palavras. A cólera do duque, latente dentro do seu peito ainda antes de eu ter tentado extinguir aquela fagulha e, ao fazê-lo, ter tocado no corpo da sua filha, provavelmente não teria sido tão intensamente provocada naquela noite. Tinha dentro de si a irritação, que ali repousava, mas não fora delineado qualquer plano. A fúria, um ingrediente do sangue, um fluido que desde então estudei longa e cuidadosamente, tanto em mim como no coração de outros homens, poder-se-ia ter extinguido ao originar uma qualquer outra coisa que não a insurreição que se seguiu. Tudo poderia ter acontecido de forma diferente.»

*

Porém, a tempestade seguiu o seu rumo.

Durante três ou quatro dias e noites, a circulação marítima no mar Adriático foi muito difícil. Os navios que ainda não tinham encontrado abrigo nas praias baixas ou sob as íngremes falésias italianas, ou sido lançados para a costa pelas ondas e pelo vento, tentaram de todos os modos possíveis manobrar para norte e ali tentar o salvamento. A Morte saiu dos seus locais de esconderijo e de espera e vagueou para semear e ceifar. A água salgada gorgolejou em muitas gargantas, mas não como remédio contra as constipações. Muitas mãos agarraram em vão a ilusória, frágil e vã esperança de encontrar um amparo nas ondas, segurando-se às tábuas que nelas flutuavam. O medo gemia e gritava e as vozes de perdição berravam sob a fúria do vento. Os cães da morte caçavam. A sua saliva salpicava cabeças que desapareciam abaixo da superfície furiosa do mar, a caminho do calmo mundo dos peixes. Corpos sem vida flutuavam até à tona de água para serem rapidamente examinados por aqueles que ainda estavam vivos, e que se agarravam a destroços no mar alto, ou perto de rochas molhadas de espuma a que queriam escapar. Os homens adormeciam num sono de água, inconscientes sob a fúria do mar: eram embalados até à morte. A Morte saía e caminhava pelas águas.

Sim, a Morte passeava no mar Adriático. Percorria a pé as ondas, as vagas montanhosas, mortíferas, as paredes fatais. A capa flutuava-lhe em redor do corpo, os seus cães ladravam, uivando e latindo como fazem os cães da Morte quando têm a oportunidade de o fazer. Uivavam à Lua, a Boötes, a estrela-guia, e a Sírio. Com uma alegria violenta, os cães ladravam, uivavam e latiam às forças do Céu e a outros poderes sobrenaturais. Tinham sido chamados para ajudar a Ceifeira na sua caçada e nas suas funções: na plantação gananciosa e na colheita prazerosa, no trabalho duro que tinha ao lançar as sementes e na posterior colheita, sem que nisso houvesse bondade ou maldade. Ela deslizava sobre as ondas e fazia a espuma espalhar-se em volta. Abria as ondas a pontapé, tal como montículos de neve podem ser pontapeados por um montanhista; ou como uma presa e

o seu caçador revolvem os torrões, o musgo e os montes de folhas a caminho da sua perdição ou de uma boa caçada. Assim caminhou a Morte no mar Adriático na sua caçada de Quaresma, juntamente com cães selvagens e esfomeados que seguiam os rastros. Não sabemos o que ela encontrou, nem quantas presas capturou, ou qual a dimensão da sua colheita; assim como não sabemos ao certo o que plantou. A sua gadanha balançou acima da crista das ondas e rasgou-as até às profundezas do mar. Ela não contou os cereais, as espigas, os fardos de palha. Caçou, semeou e ceifou sem parar para olhar em volta ou pôr-se à escuta. Assim era a Morte: alguém cuja função consiste em semear e ceifar, apressando-se para aproveitar o bom tempo.

*

O comércio sofreu perdas volumosas.

Navios venezianos carregados de escravos com destino ao Oriente, à Sicília e a África afundaram-se quando a tempestade os apanhou em mar alto. Um navio balançou sobre as ondas sem leme e com os mastros partidos durante muitas horas antes de a água entrar e ele se afundar. Noutra navio, os escravos, tripulantes e passageiros foram borda fora, as suas vidas ceifadas e varridas pela gadanha e pela vassoura da Morte. O mar tudo tragou: abriu a boca e engoliu-os, mas não exactamente como o jovem Perto, na sua casa em Forojuli, desejava. A tempestade destruiu várias coisas, mas não como ele desejaria. A palavra *naufrágio* andou de boca em boca ao longo de toda a costa, mas isso não o satisfez, uma vez que não se contava entre todos os desastres aquele que pedira ao Céu e a outros poderes, que não acederam às suas súplicas. O grande desastre e o desaparecimento completo chegaram, de facto, mas para outros que não os tinham pedido.

Os navios que tinham escapado sem grandes problemas sem, no entanto, se conseguirem refugiar no porto a coberto pelo promontório de Ancona, que entra pelo mar como um dos cotovelos do país, ou colocarem-se a salvo nos portos de Senogallia, Fanum, Pisaurum ou Ariminum tentaram, durante a borrasca, chegar à costa de Ravenna

e de Classis. Se, com a ajuda de Deus, ou por um golpe de sorte e através da habilidade do comandante, não pudessem aportar num destes locais, tinham de manter-se no mar com os seus homens doentes, feridos e exaustos a bordo, seguindo, contra a vontade do Mar, as leis da Natureza e o desejo da tempestade, para norte. Os navios flutuavam pela graça divina e tentavam dirigir-se para os locais onde poderiam aportar, nomeadamente, na foz dos rios Renus, Padus ou Athesis, ou na baía veneziana. Várias embarcações atravessaram a ameaça das águas até ao flanco Norte da península da Ístria e entraram na baía de Tergeste, onde, a nordeste, o mar Adriático toca na terra. Apenas algumas, dotadas de excelentes timoneiros e verdadeiramente abençoados pela fortuna, conseguiram evitar a pior das gadanhas e as mortíferas vassouradas e entrar na grande lagoa de pesca – a famosa Comiacum, rica em enguias – a norte de Ravenna, com a vida salva, e os lemes e as velas em sua posse.

Uma dessas embarcações é particularmente memorável. Tratava-se de um grande navio sem remos, uma possante embarcação de carga, e teve, como a maioria dos navios mercantes, uma viagem muito complicada: não se pode afirmar que, pelo menos nesse aspecto, as orações do jovem Johanniperto Lupigis não tenham sido atendidas.

O navio partiu do flanco Sul da península de Garganus, com um carregamento de peles, lã, azeite, bom vinho e muitos sacos cheios de feijão seco e cereais que deveriam ser descarregados em Ancona. A viagem fora planeada com optimismo, esperando-se um negócio seguro e lucrativo.

A sul do istmo de Viestus, o tempo estava ainda bom, e o vento, ameno e menos violento. O navio estava a meio da rota para Piscaria quando a tempestade mostrou a sua verdadeira natureza. O comandante tentou aportar em vários locais para salvar o carregamento. Pensou também na segurança do seu único e valioso passageiro, o diácono Anselmus, o erudito escritor e frequentador da corte de Beneventum, ilustre em toda a Itália.

Quando o navio tentou ultrapassar a península de Garganus, o tempo começou a tomar a feição de uma tempestade. Estavam a alguma distância de terra, num mar cada vez mais revolto. O comandante mostrou-se hesitante, e como as suas hipóteses de encontrar um porto seguro eram poucas, tiveram de continuar para norte.

O diácono Anselmus tinha experiência no mar e suportava bem a ondulação. Ele esforçava-se por ser tão agradável e útil a bordo quanto lhe era possível, algo em que não fracassou durante a viagem.

Sempre que havia um momento de pausa no trabalho a bordo e de silêncio no enlouquecedor alvoroço que assolava o navio, Anselmus contava a viagem que fizera desde Beneventum, atravessando as planícies de Samnium até ao planalto norte-apuliano e ao monte Garganus. Ele descrevia a viagem como se esta se tratasse de um pequeno passeio por montanhas e desfiladeiros, e poder-se-ia acreditar que dançara durante todo o percurso. Contava também histórias nas quais descrevia a vida na corte do duque Arichis e da sua duquesa Adelperga, uma mulher ainda jovem, culta, devota, famosa por possuir uma beleza que atraía pessoas ainda mais poderosas do que duques. O diácono afirmou que, para dizer a verdade, e embora fosse um longo desvio, pretendia passar por Roma para trocar ideias com o papa Adriano, que, espantosamente, se conservava na Santa Sede há já mais de dois anos. Um papa sério, segundo ele, um papa do calibre certo, um rochedo forte que apreciava a benevolência de Deus e que, ainda assim, tinha o bom senso de se aproveitar da fraqueza e da indecisão dos seus inimigos; contudo, sentia-se por vezes tão entristecido com escaramuças seculares e com a inquietação em Roma que precisava de alguém com quem falar. Anselmus, porém, não se queria apressar. Antes de visitar Adriano, faria provavelmente um longo – ou talvez curto – desvio até Forum Iulii, para lá de Trevisum e Utina. O glorioso tempo primaveril fazia-o sentir vontade de viajar, como comentou ele. O diácono tinha parentes em Forum Iulii, com quem pensava passar a Páscoa, pois há já muito tempo não via o seu irmão Bertoaldus e a mulher e os filhos deste. Após a Páscoa, ele faria outro pequeno – ou grande – desvio até Ticinum, a antiga capital, frequentemente chamada Papia. Assim esboçou os seus planos de viagem, marcados por uma certa candura, humor e um grande cuidado com a expressão oral: era uma narrativa que embalava.

O diácono Anselmus apreciava o humor, excepto quando este era blasfemo e ultrapassava os dogmas. Comportava-se no geral como um qualquer outro homem, tendo o cuidado de verter a sua sagrada urina de diácono a favor do vento, de modo a evitar salpicar a sua capa, e também de exhibir os seus conhecimentos, que se prolongavam até essa área do saber; e gritava alegremente possuir uma das maiores

bênçãos divinas: uma poderosa bexiga. Quando a tempestade regressava e balançava o navio em todas as direcções, obrigando a tripulação atemorizada a esforços de navegação ainda maiores para manter a rota, Anselmus tentava acalmar o comandante e os homens com piadas serenas ou palavras jovialmente engraçadas. E, certa vez, quando se enfrentava aquilo que se julgava então ser a catástrofe inexorável, manteve-se verdadeiramente bem-humorado e aparentemente calmo, sem deixar, contudo, de corrigir prontamente as piadas mais escabrosas. Entre várias outras coisas, também declamava poesia, proferia orações e relatava, como era seu hábito, a vida de santos e santas: em especial as suas vicissitudes em tempestades marítimas e a sua sempre espantosa e inacreditável salvação. Por vezes, as histórias, gritadas sob o clamor da tempestade, eram muito sumarentas e claramente inventadas, ou próprias para uma utilização nocturna em tabernas portuárias e festas de marinheiros, pois o seu conteúdo era picante e provocador. Nem todas as suas palavras foram perfeitamente ouvidas por causa do vento e do forte impacto das ondas sobre o navio, mas a presença do diácono a bordo foi benéfica durante aquelas horas extenuantes e apreensivas.

Não encontraram abrigo em Ancona; o promontório semelhante a um cotovelo não os protegeu. O comandante tentou aportar atrás do cabo, mais a norte, mas a tempestade e as fortes correntes impediram-no. O navio parecia um animal perseguido que, por vezes, surgia cuidadosamente na costa revolvida pela água mas que, assustado, voltava atrás. Decidiram avançar novamente, prosseguindo até as forças o permitirem, e tiveram, por isso, a felicidade de passar, através de várias dificuldades, por Senogallia, Fanum, Pisaurum e Ariminum. Com o passar do tempo, perdeu-se ou estragou-se grande parte da valiosa carga, composta de fardos de lã e de peles, pipas de vinho, ânforas, barris e sacos que caíram borda fora. Dois homens, já feridos e, portanto, inaptos para o trabalho, foram arrastados pelo vento ou pela água e seguiram o mesmo caminho, sem hipótese de salvamento, e a maioria das ânforas de azeite no porão foi destruída.

O comandante quase enlouquecera por completo com os seus próprios gritos, a falta de sono e o cansaço, e com o vinho que consumia

para tentar fortalecer-se. Muitas vezes, rompia num choro efeminado e desesperado e as lágrimas escorriam-lhe pela cara abaixo, caindo tão abundantemente que a salinidade e a quantidade de água no mar aumentaram significativamente. Com uma voz estridente e entrecortada, gritava a Deus, à tempestade, ao mar, ao navio, à tripulação e ao diácono, afirmando ser um homem arruinado. Apelidava-se de destituído do mar, rejeitado pela terra, o mais miserável dos comandantes e armadores, uma criatura injustamente tratada por todos os poderes, embora toda a vida tivesse sido devoto a Deus, gentil e trabalhador. Já não tinha nada a fazer num convés de navio, gritava ele. Seria melhor ir borda fora de imediato, ou, se Nosso Senhor e Redentor lhe permitisse sentir terra sob os pés mais uma vez, vender-se sem esperanças como escravo. E as lágrimas correram uma vez mais, enquanto a gritaria aumentava até aos limites das suas capacidades vocais, até a sua voz exausta sufocar. A religião começou a dominar o comandante. Ele berrava blasfêmias à tempestade, dizendo que rezaria a uma qualquer divindade, desde que a sua vida fosse salva. Poderia tornar-se tanto ariano quanto egípcio, sim, poderia rezar a uma pedra, a uma árvore ou a diferentes imagens de divindades que demonstrassem a força e o desejo necessários para o salvar.

Nesses momentos de blasfêmia, o diácono Anselmus apoderava-se do comando. Como referido, não era inexperiente no mar, sabendo como este se comportava, e conhecia quase tão bem as tempestades no mar quanto as da alma humana. Despertou uma nova fé com as suas palavras firmes, vigorosas e instigadoras, agindo como um tónico revigorante através da sua expressão facial, da sua voz e da sua habilidade com as velas, os aparelhos e o leme. Sob o seu comando, o navio conseguiu, por fim, entrar na lagoa de Comiacum, famosa pelas suas boas e gordas enguias, e um importante bastião do Exarcado, ligeiramente a norte de Ravenna.

Ele conhecia as correntes que banhavam aquela costa. Pilotou o navio até as velas se insuflarem e a embarcação deslizar pela água na direcção certa, entrando no canal estreito ladeado por pinheiros, e, por fim, avançaram até à pequena vila assente nas ilhotas da lagoa. Os tripulantes estavam arrasados, espiritual e fisicamente. As mãos,

os pés e as costas arranhados, lacerados em muitos locais, os tendões estirados, os músculos meio paralisados, os narizes partidos, os dentes soltos e as costelas partidas. Todos tinham feridas e arranhões, incluindo o diácono, e um homem perdera de tal maneira a cabeça que teve de ser amarrado para não saltar da amurada e atirar-se à água ou tactear em busca de segurança junto às enguias, no fundo lamacento. O cordame do navio estava em condições miseráveis, as velas reduzidas a trapos, as tábuas rachadas e a quilha deixava entrar água. O diácono Anselmus era, exceptuando os arranhões, o único que se encontrava moderadamente bem.

O porto da lagoa era tão baixo que era mais adequado a pequenos barcos de pesca, mas o navio entrou, em todo o caso, sem embater com a quilha na areia. A situação de emergência parecia resolvida, embora a costa não fosse completamente segura. Os roubos e outras atrocidades proporcionavam aos peixes e às enguias provisões e alimento adicionais. As ratazanas eram grandes e gordas. As pessoas demonstravam, geralmente, timidez perante estranhos em plena luz do dia. E era uma zona de fronteira. A guerra do rei dos francos contra o reino dos longobardos aparentemente terminara; pelo menos à superfície, já que, no fundo, existiam muitos que não estavam em paz e tinham dentes para morder, espadas para atacar, punhais e flechas que aguardavam a sua oportunidade e palavras que implicavam a insurreição.

Sob a superfície – sob os rostos que ocultavam os pensamentos e sob a superfície da terra, onde habitavam as recordações, e ainda mais para o interior da terra, em montanhas, grutas, florestas, bem como nas planícies e nos pântanos, restava ainda um pouco da guerra do ano anterior, onde deveria conservar-se algum tempo. As tensões entre Ravenna e a Santa Sé em Roma persistiam. A escolha de Deus na desavença era óbvia e clara para todos aqueles que a quisessem entender, mas nem todos o queriam. Muitos senhores e pessoas de estratos inferiores tinham uma péssima capacidade para o entender e mantinham, desde o ano anterior, depois de serem derrotados, um desejo de vingança e de reconquista. Aquela costa poderia ser perigosa por outros motivos que não as tempestades.

Porém, em volta da fortaleza e da lagoa de pesca de Comiacum, a vida, sob a tempestade tranquilizadora, apresentava-se muito pacífica. É possível que o elevado nível da água, estranha ou inexplicavelmente, acalmasse tanto as enguias quanto os pescadores. A pobreza dos últimos era evidente nos seus pés mais molhados do que habitualmente, e as casas e as cabanas estavam tão húmidas que a prática de crimes era evitada ou adiada. De resto, não se sabia ao certo se o navio apuliano, quase um destroço, não possuía armas de defesa a bordo e homens capazes de manusear a lança e a espada e de disparar com o arco. Ao sol que penetrava por entre as nuvens desse dia, o convés brilhava. Os habitantes da lagoa, timidamente curiosos, viram um homem vestido com uma capa luminosa de erudito, quase de santo, passar, uma a uma, a mão pelas lâminas das espadas e verificar se estavam enferrujadas. O diácono proferiu um silencioso mas brilhante sermão com espada aos habitantes de Comiacum.

O comandante recuperou a autoridade no porto. Obrigou a tripulação apta a esfregar o convés, examinar os restos dos mastros e reparar tábuas, cordas e velas. As esperanças regressaram-lhe, e ele não as escondia. Pensava partir para Venetia assim que o navio estivesse reparado e a tempestade tivesse desaparecido. Ali, tinha possibilidades de conseguir um novo carregamento e bons negócios; ele não atirara o fundo de maneio da viagem borda fora, e com a ajuda de negócios ponderados poderia talvez recuperar as perdas provocadas pela tempestade.

O diácono Anselmus perguntou-lhe – com uma severidade que, por vezes, transparecia nas suas palavras apesar da sua voz meiga – se pensava recuperar as suas perdas ao transportar escravos de Venetia para sul. O comandante sorriu, como se tivesse recuperado completamente o equilíbrio de espírito e regressado à normalidade, e disse que era Deus Nosso Senhor quem determinava quais as forças do tempo e do mar e a natural evolução dos negócios. Tudo estava nas mãos de Deus, disse ele de modo pio e alerta. De qualquer forma, ele não desejava regressar à sua casa em Apulia como um indigente.

Já tivera sofrimentos que lhe chegassem. Tinha uma família numerosa, filhos que se deveriam tornar armadores, comerciantes, agricultores ou talvez padres, e filhas que se deveriam casar. E ele sentia ser sua obrigação cristã cuidar honestamente dos filhos que Deus lhe confiara.

6

O diácono Anselm contratou um pescador de enguias de aspecto honesto e não especialmente robusto para o guiar entre os dúbios pântanos. Um longo dia de marcha conduziu-os ao interior, em direcção a povoações mais seguras. A bagagem não era muita nem atractiva para os ladrões: limitava-se a uma trouxa de roupa. Anselmus guardava os valores, como os utensílios de escrita, alguns pergaminhos, um par de documentos e dinheiro, em saquinhos de couro que carregava ao peito. E, como ele disse posteriormente, o bom saquinho a que se chama coração continha as ideias e os segredos, as mensagens, os conselhos, as admoestações e os planos. Transportava consigo, como era de seu direito em viagem, uma espada, um punhal e um arco, todos bem visíveis.

O guia acompanhou-o até Ferraria. Ali, o diácono comprou uma mula e partiu, confiando na protecção de Deus, no Salvador e no seu próprio intelecto, atravessando Patavium, em direcção a Trevisum, sem pressa ou agitação. À noite, alojava-se em estalagens que surgissem no caminho, ou em bispados, quintas e pequenas fortificações que pertenciam ao seu povo — por vezes, aos seus parentes —, e foi bem recebido em todo o lado.

Quase todos conheciam o diácono Anselmus e tentavam, obviamente, perceber os seus recados, a sua missão e o propósito daquela viagem, e queriam ouvir notícias do Sul. Ele contava como, tendo partido da corte de Arichis em Beneventum, observara as sagradas grutas do promontório de Garganus e realizara uma viagem marítima atribulada, mas, sob muitas perspectivas, interessante, até Comiaculum.

Cofiava a barba com a sua mão delicada, sorria docemente, coçava pensativamente o pescoço e dava respostas detalhadas, que versavam mais sobre a viagem e as novidades já conhecidas do que sobre as suas intenções. Os olhos azuis brilhavam-lhe com doçura e sabedoria: raramente se encontrava uma acutilância tão inquiridora num olhar tão bondoso. Quando lhe perguntavam a opinião sobre a situação no mundo, sobre o vasto e, segundo o parecer cuidadosamente apresentado por muitos, já suficientemente protuberante reino dos francos e as suas intumescências em Itália com cerca de um ano, o diácono respondia que queria realmente acreditar numa paz alargada, profunda e duradoura. Uma paz bem enraizada, dizia ele, e não com morte e dor, ataques e vinganças. Ele esperava que o futuro do povo longobardo fosse pacífico e feliz. Bem como o de todos os outros povos cristãos, acrescentava ele, não excluindo os francos e os romanos. Além disso, esperava que o vento forte, aquela tempestade que ainda se sentia, esmorecesse antes da Sexta-Feira Santa.

Foi isso tudo o que conseguiram que lhes dissesse.

O diácono não tinha falta de dinheiro, especialmente de prata e ouro bizantinos e romanos. Em Trevisum, trocou a mula cansada por um jovem cavalo vigoroso e mostrou que não só se sentava bem em cadeiras como também na sela e que fora criado na região friulana, rica em cavalos. Anselmus desejava organizar a sua viagem e determinar o tempo que levaria a chegar a Utina e a Forum Iulii em segurança. A duração das viagens está, como a da vida, nas mãos de Deus, segundo ele, mas com um bom cavalo pode escolher-se com mais precisão a velocidade e as horas despendidas nas jornadas. Ele não tinha nenhum motivo pessoal para se apressar, mas sentia que ninguém tem o direito de, por exemplo, atrasar um navio que os ventos soprados por Deus encaminham numa certa direcção. Os dias são-nos atribuídos para que os possamos agarrar, explorar completamente e tratar bem, dizia ele aos ouvintes, que talvez não apreendessem todas as suas palavras, mas sentiam empatia, reverência e inclusive orgulho por o seu povo ter um tão digno representante.

A partir de Trevisum, ao atravessar o rio Tiliamentum e a cidade de Utina até Forojuli, teve a companhia de cavaleiros ou antigos

soldados. Eram quatro jovens soldados longobardos que haviam abandonado as forças aniquiladas e dispersas do rei Desidério um ano antes, escapado ao cativo e a outros possíveis castigos, e que, desde a derrota, tinham seguido caminhos tortuosos pelo desconhecido. Os jovens pareciam não ter sentido grande pressa de regressar a um estado pacífico. Em vez de voltarem imediatamente aos seus lares, tinham continuado a guerrear por conta própria – usufruindo dos prazeres que a arte bélica pode proporcionar – sempre e onde surgia uma oportunidade. Por motivos de segurança, esses jovens soldados friulanos tinham confiscado prata, ouro e outros valores: acreditavam que os seus lares, Foro juli e todo o ducado tinham sido completamente pilhados. Não disseram por onde haviam deambulado todos aqueles meses. Não falaram francamente dos seus feitos, mas afirmaram saber que a graça franca era actualmente tão grande que todos os soldados longobardos que regressavam a casa faziam bem em manterem-se na estrada e que não era necessária nenhuma pressa em voltar.

O diácono Anselmus perguntou-lhes se tinham roubado e pilhado o seu próprio povo no noroeste da Longobardia; explicou que tinha uma certa curiosidade por todos os movimentos e deslocações da guerra. Os homens responderam de modo tortuoso e com palavras cautelosas mas com um tom de voz provocador, que tinham agido sempre com a misericórdia de Nosso Senhor. Não receberam nenhuma admoestação divina e, por conseguinte, concluíram que poderiam saquear uma coisa ou outra – tal como Deus deseja que se faça quando se trata de guerreiros pobres, destituídos e infelizes. Disseram estar humildemente gratos pelas oportunidades concedidas.

Durante a viagem, ele perguntou-lhes muitas vezes qual a situação em Papia e mais para oeste, principalmente quais os problemas e as expectativas das pessoas. Os homens insinuaram que nem sequer se haviam atrevido a aproximar-se de Papia-Ticinum. Explicaram ansiosamente que não gostavam de cidades onde existiam grupos fortes, vigilantes, talvez inimigos; as cidades deveriam ser fracas, de preferência completamente desprotegidas – excepto a própria cidade natal, claro. Assim, não sabiam nada além do facto de a situação

provavelmente ser ainda confusa e que tudo resultava de um erro das gerações mais velhas. As gerações anteriores, aqueles que eram então velhos, não tinham previsto ou preparado a guerra de modo suficientemente expedito e adequado, tendo, portanto, conduzido mal as batalhas. Eles próprios, aqueles jovens a cavalo que se dedicavam à pilhagem, eram, de facto, as verdadeiras vítimas da guerra; tinham sido duramente atormentados por causa dos velhos. Agora, eram obrigados a sobreviver como podiam, e não havia ninguém a quem pedir conselhos; eles não tinham motivos para quererem saber a opinião dos velhos, apesar da sua natural reverência para com estes. Estavam realmente desapontados, disseram eles, tinham sido enganados pelos velhos. E repetiram uma e outra vez que, aparentemente, Deus aprovara todas as suas acções e já perdoara os erros que eventualmente pudessem ter cometido. Tinham sofrido mas suportado com orgulho e força as privações e o pesado fardo das adversidades; nunca uma geração do pós-guerra e traída suportara um fardo tão pesado com uma postura tão altiva.

O diácono Anselmus perguntou-lhes se haviam tido ou ouvido tais ideias. Eles responderam que as ideias lhes tinham surgido, talvez originadas no seu próprio peito, talvez vindas do ar, ou mesmo do próprio Céu. Pertenciam à nova geração, que, por fim, abrira completamente os olhos. Sofreram até alcançarem a lucidez, ainda que não participassem verdadeiramente nas batalhas. A guerra mal começara a tornar-se séria quando o rei franco a venceu e, então, eles, homens inteligentes, fugiram e mantiveram-se escondidos enquanto aguardavam as oportunidades de obter alguma compensação pelos sofrimentos passados.

O diácono Anselmus não averiguou mais profundamente os sofrimentos daqueles jovens. Limitou-se a comentar que todos os quatro pareciam saudáveis e bem fornecidos de carnes depois de uma guerra tão extenuante e após duras cavalgadas, escassez de víveres, uma derrota amarga e um longo regresso a casa. Diante desta constatação, os jovens mudaram de disposição: tornaram-se violentos. Falaram aos gritos sobre homicídios e vinganças, e sobre a raiva do luto que enche o peito orgulhoso e talentoso dos jovens que, embora desiludidos e

face a todas as dificuldades, mantém a honra. A sua ira durou algum tempo e parecia tão perigosa que o diácono endireitou o seu corpo musculado e forte sobre a sela e deixou, aparentemente abstraído, a mão pousar no punho da espada.

Não houve luta. O diácono Anselmus acalmou os jovens com a sua voz, o seu sorriso e os seus olhares amigáveis. Descreveu tranquilamente a sua viagem desde Beneventum e a jornada sob a tempestade. Pouco depois, também eles começaram a falar calma e racionalmente, e proferiram palavras de homens que, cansados da guerra, reflectem sobre a agricultura, o comércio e as oportunidades oferecidas pela paz após a derrota. E quando ele apontou para a suave paisagem em redor de Utina, na qual entravam a cavalo, para a terra e o ducado que era deles e dos seus pais, eles calaram-se e a raiva desapareceu dos seus rostos. Quando Anselmus apontou para os largos vales que não via há muitos anos, e para as montanhas que se erguiam a norte e a leste e forneciam água aos seus rios divinamente dispostos, os soldados que regressavam a casa emocionaram-se até às lágrimas, até aos soluços. Ele falou sobre o dia luminoso, sobre o vento que ainda subsistia mas que amainava, tal como a raiva pode esmorecer, sobre os prados verdes que a Natureza, por ordem de Deus, espalhou sobre a terra e a crista das montanhas, sobre a obra de arte que são as montanhas, esculturas de penhascos, abismos e cumes altíssimos cobertos de neve, a bênção do branco. Tudo isso acalmou os seus corações, até somente pensarem de forma doce e grata na Páscoa. O diácono lembrou aos jovens como a sua pequena Friuli, essa marca da mão do Criador, emocionara os francos, como, pacificamente e bem tratada, jazia então diante dos seus olhos e quão calmamente repousavam as planícies e as colinas sob protecção terrena e celeste.

– Que maravilha! – disse ele.

A alegria tomou posse dos homens, que louvaram a sua terra em voz baixa. Eles recordaram novamente que não voltavam à sua verdadeira terra de mãos vazias mas com um saque. Tinham anéis, pulseiras, dinheiro e pérolas, e talvez narizes e orelhas e outras partes do corpo de inimigos ou de outros soldados mortos e de agricultores,

bárbara e vergonhosamente arrancados, nas bolsas da sela e dentro da camisa.

Cavalgaram alegremente por Utina, atravessando as planícies em direcção à elevação de Foro Juli. Faltavam três dias para a Quinta-Feira Santa e a ansiedade pelos festejos da Páscoa, juntamente com a felicidade de voltarem sãos e salvos ao seu país, emocionou-os.

*

O diácono entrou na vasta propriedade do seu irmão perto da ponte sobre o rio. Estava-se ainda no início da tarde, na sétima hora. Bertoald, Liutperga e Flavianus acolheram-no de braços abertos; Warnefrit e Conald, com uma respeitosa desconfiança que escondia uma certa timidez; e Johanniperto, com curiosidade e ódio.

Johanniperto supunha que o seu tio Anselmus o levaria imediatamente consigo, afastando-o da verdadeira felicidade que a vida lhe oferecia: a proximidade de Angila. Inicialmente, o adolescente pensou que a tempestade no mar Adriático fora demasiado insignificante e branda, e que lhe faltara o carácter violento das tempestades verdadeiramente destruidoras que se abatiam pelo mundo. Sentiu, portanto, que a Lua fora preguiçosa e indolente no que concernia a provocar ondas maiores em alto-mar; estava muito insatisfeito com o poder do céu e os movimentos da água.

O seu ódio, contudo, não durou muito tempo. Quando Anselmus lhe pousou a mão na cabeça, como se ele ainda fosse um rapazinho e não um verdadeiro homem, e o olhou nos olhos, o seu ódio começou a desvanecer e a serenidade foi ganhando terreno à inquietação, até a eliminar por completo.

– Pensei muito em ti, meu querido Johannes! – disse o diácono.
– E, a crer no que me conta Flavianus, és agora quase um erudito.

O decrépito, por vezes quase cego, outras vezes surdo, Flavianus despertou e exaltou-se com a sua alegria incontida. Para ele, era um dia esplêndido, um dos grandes dias que a vida proporciona. O velho estava confuso com toda aquela agitação e, com as pernas trémulas, ouvia e via bem, parecendo até querer dançar. Flavianus começou

imediatamente a falar dos bons velhos tempos. Com maior clareza do que habitualmente, recordou os anos em que fora tutor de Anselmus: uma época em que ele lhe gritava, rabujava e, por vezes, inculcava à força os conhecimentos básicos e mais meticulosos das línguas latina e grega, e algum hebraico, e em que o acompanhara às então cortes de Mediolanum e Ticinum, bem como a Beneventum. Os curtos relatos das lembranças de Flavianus eram exuberantemente misturados com perguntas sobre a sua situação actual e as perspectivas de futuro, sobre os escritos de Anselmus em Beneventum, as opiniões em Roma, o tempo em Mons Cassinum e sobre pessoas e itinerários. Com a sua alegria, criou uma verdadeira festa de palavras, e todas as bocas falavam ao mesmo tempo: tal era a alegria em casa de Bertoald Lupigis.

O diácono Anselmus era, naquela época, um homem de cinquenta anos, e tão robusto quanto Bertoald e Warnefrit. Porém, os seus gestos não eram pesados como os deles, mas rápidos, seguros e, ainda assim, moderadamente calmos: os gestos de um professor, de um homem da corte. Johanniperto observava-o. O cabelo avermelhado do tio e a sua barba ruiva haviam começado a encanecer. Os olhos azul-claros exibiam, por vezes, uma grande acutilância num olhar usualmente meigo. A boca era decidida – os músculos da determinação claramente visíveis sobre os maxilares –, mas não ocultava um grande e bondoso sorriso.

A cidade de Foro juli começou imediatamente a venerá-lo e a falar sobre a sua sabedoria, a sua famosa arte de escrita e a sua influência junto dos poderosos. O nome de Anselmus era murmurado e gritado entre as paredes. O duque Rodgaud, os seus filhos, o seu irmão, o seu cunhado e os seus amigos íntimos Stabilinus e Felix, e os outros que habitavam na fortaleza mostraram respeito pelo diácono ou, pelo menos, não o receberam com notória desconfiança, e queriam ouvir novidades de Beneventum e Roma. Toda a família Lupigis foi convidada a visitar a fortaleza logo na noite seguinte à da chegada de Anselmus. O diácono pousou a mão na cabeça de Angila e deixou-a repousar ali enquanto se virou para Johanniperto, o seu olhar cintilante, um sorriso.

O jovem Perto mudou. A sensação de felicidade regressou ao seu peito e com ela a sua confiança na vida, a sua fé no mundo e em Deus. Ele, os seus pais e Flavianus – e talvez Conald e mesmo Warnefrit – sentiam orgulho no famoso erudito, o diácono Anselmus de Beneventum e Mons Cassinum, um dos seus, o supra-sumo intelectual da sua família.

Duques e grandes proprietários sem poder ou quase sem poder, que não tinham fugido ou estavam enclausurados, sentavam-se nas suas fortificações e propriedades rurais, quando ainda as possuíam, e recordavam.

Vivia-se em paz um ano depois. Ninguém esquecerá os terríveis dias em que o rei Carlos de França tomara Mediolanum, Pavia e Verona e, com a ajuda de francos e recrutas treinados na guerra, e dos saxões convertidos ao verdadeiro cristianismo, pôs fim ao reinado e império do rei longobardo Desidério. O aprisionado Desidério e a sua rainha Ansa foram levados para uma zona a norte das montanhas, e o rei Carlos doou, segundo se dizia, o reino longobardo ao papa em Roma. Aqui e acolá, nomeou um novo duque ou gastaldo. Depois, a calma instalou-se – a calma pousou como poeira, assim disseram alguns.

Em Forojuli sabia-se que Adalgis, o filho e legítimo sucessor de Desidério, escapara, após a derrota, partindo de Verona para Bizâncio. Contudo, não se conhecia ao certo o destino do anterior rei. Corriam rumores (como habitualmente) de que o tinham cegado ou até que lhe haviam arrancado os olhos, cortado o nariz e as orelhas e o cabelo, como humilhação, antes de ser castrado e fechado numa masmorra numa fortificação ou num mosteiro chamado Corbeia, onde fora esfaqueado pouco depois ou onde morrera lentamente de inanição. Outros, que acreditavam saber mais e se dedicavam a pensamentos mais gentis sobre as mudanças impostas, afirmavam que o rei dos francos era um homem de bom coração que tratava bem de Desidério

e de Ansa – presenteando-os com conversas, discussões filosóficas e religiosas e reflexões, juntamente com boa comida, jogos de tabuleiro, canções e música em bonitos salões, consagrados ao conhecimento ou a Deus e aos santos.

As pessoas comuns, os agricultores e rendeiros, artesãos, trabalhadores livres ou semilivres e escravos – *amund* e *fulboran*, *free*, *aldius*¹ – contentavam-se em acreditar que Deus agia como bem entendia e com vista, naturalmente, a criar o melhor dos mundos possíveis; assim, deixavam o tempo seguir o seu curso, esquecendo o que pertencia ao passado. Esperavam secretamente que o Destino, ou seja, um conjunto de diversas divindades, ou Deus-Pai e o nosso *Dominus*, *Salvator* e *Heriro*², organizasse tudo de um modo conveniente. Poderia, por exemplo, imaginar-se que Ele faria o rei dos francos morrer de doença, de uma maleita dolorosa – isto, claro, se fosse essa a vontade divina. Também se poderia imaginar que o rei dos francos seria assassinado com uma facada audaz ou com uma lâmina afiada que lhe causaria feridas, as quais lhe provocariam uma morte lenta e dolorosa – contudo, não suficientemente lenta a ponto de o rei conseguir planejar mais algumas malfeitorias antes de os seus gritos descerem ao Inferno.

Que grande estrondo se ouviria quando o grande rei atingisse o fundo! Dizia-se – entre as pessoas mais simples – que o rei Carlos tinha a altura de dois homens e uma largura de peito igual à de quatro, e que comia carne meio crua, ingerindo um carneiro inteiro ou um quarto de boi à refeição matinal.

Dava-se início à lenda.

Na fortaleza e nas propriedades rurais de Foro juli, os olhos e os ouvidos concentravam-se nas lendas e nas histórias. Flavianus tinha muito que fazer. Ele sentia-se satisfeito por contar as suas histórias, mas as recordações do que vira, ouvira ou vivera na juventude e daquilo que lera em livros na biblioteca do mosteiro eram amiúde

1 Em longobardo, respectivamente: «não submetido a tutela, livre», «filho legítimo», «livre» e «semilivre». (*N. do E.*)

2 «Senhor» cfr. Alto-alemão antigo *herro* (de *hêiro*). (*N. do E.*)

confusas e mostravam a entrada num estado de decrepitude que lhe acompanhava a velhice. O velho narrava – interruptamente e sem grande coerência – as histórias do tempo do rei Alboin, da rainha Rosamunda, de Ratchis ou de Liutprand. Ele mencionou de passagem que, nos bons velhos tempos – ou nos antiquados maus tempos, numa qualquer época –, se bebia vinho e cerveja pelos crânios dos mortos. Talvez isso tivesse acontecido uma única vez, numa ocasião histórica; as palavras de Flavianus não foram esclarecedoras. E as descrições das peregrinações do seu povo constituíam, por vezes, uma tal salgalhada que o velho tinha de verificar as suas próprias anotações para dizer algo que se entendesse. Quando Flavianus as lia, ficava admirado: não era pouco o que, em tempos, soubera.

De qualquer modo, fazia os seus ouvintes pensar. Com a ajuda das suas palavras, eles imaginavam como os longobardos, esse nobre povo, chegaram a Itália e a Forum Iulii há duzentos ou trezentos anos, vindos de leste ou do longínquo Norte a que se chamava Meia-Noite. Nunca lá regressariam. A Itália era o seu país, e o seu território estendia-se, a sul, até Beneventum e Samnium. Ali deveriam permanecer, ali tinham vencido, vivido e sido derrotados. E era aquele o local onde poderiam chegar novamente ao poder quando, com o tempo, as espadas dos novos conquistadores ficassem rombas e os olhos dos inimigos, baços. Podia confiar-se no tempo; ele passava inexoravelmente.

O discurso de Flavianus divagava por aqui e por ali e tremia como uma chama de vela que se apagasse. Ele dizia *nós* e *nos* como se fosse realmente romano, ou pelo menos meio romano; ele também dizia *nosso*, por há tanto tempo viver e ensinar entre longobardos.

– A nossa santa terra! – grasnou ele de modo extraordinariamente violento, como o último grito de um homem que se asfixia. – Deveremos permanecer aqui para sempre! – disse ele com paixão, com calorosa ternura. – Os antigos, os antepassados, não queriam voltar para os bosques de duendes das fábulas e para as planícies com neve. Lá, o Inverno é uma contínua e longa noite, e o Verão, um contínuo e longo dia brumoso! Não desejamos regressar!

Ele descreveu o país da Meia-Noite como tantas vezes fizera — com repugnância. No Verão da Meia-Noite, o Sol não descia abaixo do horizonte terrestre, como é ordem e desejo de Deus. O dia não perdia a luz atrás das montanhas, mantendo-se esta acima da orla das florestas e do mar, e brilhando com uma cintilação sanguínea. O mar ficava na maior parte coberto de gelo. Em muitos locais, placas de gelo eram arrastadas por correntes terríveis, que as afundavam em remoinhos, juntamente com navios, como se fossem pedaços de madeira. O mar no país da Meia-Noite abria-se, abismos surgiam nos montes de gelo, os barcos, indefesos, caíam no precipício e as mandíbulas do Monstro Marinho fechavam-se sobre eles, mastigavam-nos com os seus dentes de gelo e, posteriormente, cuspiam os destroços e os cadáveres.

Flavianus procurava entre as histórias transmitidas de geração em geração e desenterrava relatos e lendas sobre como o clã, que era agora o povo longobardo, fora, em épocas idas, tão numeroso que a população se tornara excessiva para a terra da Meia-Noite. O casal de deuses Guodan e Frea³ ordenou que metade do povo deveria partir e procurar para si novas terras de cultivo. Obedeceu-se à vontade dos deuses e deixou-se à sorte a escolha de quem deveria partir, e aqueles a quem calhou esse destino fizeram-se à estrada. A horda de pessoas chegou, após várias gerações, à Panónia e, a partir daí, a Friuli e à Itália. Ali, encontraram o lar que lhes convinha e foram fortes e felizes por muito tempo; agora, a felicidade acabara.

— Temos de esperar! — disse ele.

As palavras eram inúteis. Não alegraram os ouvintes nem lhes deram mais esperanças, deixando-os, ao invés, mais amargurados ou tristes do que habitualmente. Sentavam-se à sua volta e escutavam: era um passatempo. Ficava-se ali à espera de algo ou sem esperar nada, enquanto outros usavam a sua terra, se ocupavam com as suas artes ou supervisionavam os seus rebanhos, criados, criadas e escravos. Alguns dos mais empreendedores mantinham negócios cautelosos com comerciantes de Venetia e de Ravenna. Outros adaptavam-se

3 Formas longobardas de Odin e Freia (*N. do E.*)

completamente, curvando-se diante dos francos e de Roma e alistando-se em expedições de guerra de reis fortes e estrangeiros a norte e a sul. Ao serão, muitos erguiam os cálices da mesa e escutavam os professores e os contadores de histórias, os declamadores de poesia ou os jograis e os bardos até chegar o cansaço e, com ele, o bom sono. Dormir, acordar, esperar novamente que algo acontecesse ou não esperar nada. Impacientar-se, beber mais cerveja e vinho, fazer o velhote das histórias recomençar a falar, encontrar perguntas para lhe fazer e, possivelmente, receber como resposta – pronunciada numa voz enrouquecida pela velhice – a constatação de que ele não sabia, que se esquecera.

*

Então, tudo mudou durante algum tempo.

Na Páscoa ainda um pouco ventosa, os mais velhos fizeram ao diácono Anselmus perguntas sobre muitas coisas e assuntos; presumia-se que sabia a maioria. Obtiveram muitos tipos de resposta, pois o diácono parecia ter as respostas e os esclarecimentos prontos e organizados num saco invulgarmente espaçoso, de onde os retirava conforme a necessidade. Nem todas as respostas eram claras, e ele fugia delicadamente e com um sorriso de perguntas políticas e militares relativas a questões demasiado recentes.

– Não posso responder convictamente quanto a esse caso – dizia ele. – É impossível saber que intenções têm os francos para com o nosso povo. Contudo, suponho que essas intenções são boas.

Por outro lado, falava amiúde com grande alegria e ansiedade sobre a vida de santos e santas. Perdeu um bom tempo com o santo do povo longobardo, São Barbatu de Beneventum, que viveu a sua vida terrena na época do rei Grimuald, mais de cem anos antes, e continuou a trabalhar depois da sua morte corporal, para benefício e glória do seu povo.

Uma história longa e estranhamente clara, quase luminosa.

Barbatu era um padre zeloso, fortemente crente e corajoso. Criticava o modo como os seus conterrâneos em Beneventum conviviam

com o divino. Os longobardos de Beneventum eram, de facto, baptizados na fé cristã, mas preservavam, ainda assim, muitos traços de paganismo, e tinham um ídolo num bosquezinho fora das muralhas da cidade. A imagem representava uma grande serpente, uma víbora enrolada, que adoravam e diante da qual se curvavam. Além disso, veneravam uma árvore em redor da qual costumavam cavalgar a toda a velocidade. Penduravam na árvore cabeças de boi e de bode acabadas de esfolar, ensanguentadas, a que arrancavam pedaços para comer. Estavam, resumidamente, muito atrasados e não haviam alcançado o verdadeiro cristianismo.

O padre Barbatus – posteriormente santo – avisou-os seriamente sobre a adoração das divindades de Guodan ou Wotan, que se tratava comprovadamente de emissários e instrumentos do Diabo, enquanto acreditavam hipocritamente em Nosso Senhor, *Dominus e Heriro*, o verdadeiro Salvador. Mas eles não quiseram ouvir os avisos. Barbatus ficou profundamente triste e dedicou os dias e as noites a pensar no fardo de pecado que os seus conterrâneos estupidamente escolhiam carregar.

Ora, certa vez, o imperador bizantino Constantino chegou com um grande exército para se apoderar de Beneventum, tirando-a aos longobardos como um lobo que abre as mandíbulas, pronto a devorar a sua presa. Ele conquistou e pilhou quase todas as cidades de Apulia, entrou em Samnium e cercou Beneventum com uma ânsia feroz. As mandíbulas do lobo espumaram quando este tentou engolir a sua rica cidade. A situação parecia tão terrível que todos os corações longobardos tremeram. A cidade estava fortemente cercada e, algum tempo depois, os cercados perderam toda a esperança de salvação. Porém, precisamente nessa altura, quando o duque de Beneventum, Romuald, filho do rei Grimuald, pensou abrir os portões da cidade e deixar que o seu povo se batesse até ao último homem com o imperador de Bizâncio, aquele lobo ganancioso, e com as suas turbas vorazes, o padre Barbatus disse:

– Convertam-se todos verdadeiramente a Deus, neguem imediatamente as vossas divindades e destruam as imagens dos ídolos tão depressa quanto for possível! Assim, Ele salvar-vos-á!

Quando o duque Romuald ouviu aquelas palavras, prometeu que todos os beneventinos abjurariam para sempre os velhos deuses pagãos. De seguida, Barbatus entrou na igreja da Santa Mãe de Deus e suplicou com tanto fervor que a imagem de Nossa Senhora deixou cair lágrimas. E, logo na manhã seguinte, o imperador Constantino levantou o cerco e partiu com o seu exército para Neapolis, que pertencia ao seu império. Saqueou muitas povoações e cometeu uma atrocidade atrás da outra. No seu percurso, desceu à Sicília, e ali apavorou de tal maneira as pessoas que, por fim, tiveram de o assassinar numa banheira; os seus homens e amigos mais próximos executaram o feito.

Assim que o imperador e as suas hordas vorazes, assassinas e, nessa ocasião, surpreendidas desapareceram nas montanhas em direcção a Neapolis, Barbatus pegou num machado e partiu para o bosquezinho pagão. Com uma força que só a fúria inspirada por Deus pode dar, desfez a árvore idolatrada e as suas raízes em pedacinhos, e espalhou-os tão bem que não sobrou o mais pequeno vestígio da sua existência. Procedeu de modo semelhante com a imagem da serpente, a víbora diabólica; eliminou aquela obra de Satanás da face da Terra. A partir de então, a fé cristã em Beneventum manteve-se forte e não voltou a ser conspurcada por tentações pagãs.

Com esta história bem-humorada do diácono, os ânimos animaram-se e a boa disposição tornou-se geral, embora se encontrassem na época de contenção da Quaresma. Os ouvintes riram-se do imperador Constantino, obrigado a abandonar Beneventum por vontade de Deus Nosso Senhor, e riram-se da comoção da Santa Mãe de Deus até às lágrimas e, claro, em grande parte, da fé e da eloquência de São Barbatus. Todos se sentiram reconfortados quando o diácono disse:

– Assim foram Satanás e os seus ajudantes bem enganados nessa ocasião!

– Mas porque partiu o imperador? – perguntou alguém.

– Suponho que um sonho o tenha levado a tomar essa decisão – disse o diácono.

Eles esperavam esclarecimentos adicionais.

– Penso que a Santa Mãe de Deus lhe apareceu num sonho, ou talvez numa visão – disse o diácono. – Não consigo pensar em outra

coisa que não a possibilidade de ela o ter avisado, dizendo-lhe talvez que todos os tesouros estavam escondidos e que a peste surgiria em breve. O importante é que Satanás foi enganado, não?

O sábio escutava todas as perguntas, mas não o convenciam a dar-lhes conselhos para o futuro. O futuro era demasiado incerto. Era a escuridão, mas não impermeável a feixes e ondas de luz. Ocultava grande parte do medo e da tristeza que ele próprio sentia sob palavras meigas e luminosas. Provavelmente, não queria que se fizessem mais concessões do que as estritamente necessárias. Num tal contexto, num momento rico em insinuações, falava de como longobardos indulgentes, pessoas cujos nomes não pronunciaria, haviam aconselhado os seus compatriotas derrotados a cortar o cabelo sobre a testa e a deixar o cabelo da nuca crescer longamente, ou até a cortá-lo o suficiente para tornar a cabeça mais adequada ao uso de capacetes...

... e, segundo ele, alterar assim a disposição do comprimento capilar constituía um sinal de que os seus desejos profundos tinham mudado, demonstrando assim que desistiam de querer outra coisa que não um apetrecho adequado para a cabeça...

... e todo um género de artificios sacrílegos. Esses novos cortes e penteados poderiam certamente fazer os longobardos livres – referia-se àqueles que viviam fora dos mosteiros – parecerem-se com escravos, ou talvez com romanos – referia-se aos romanos de má índole, aos de antanho, e não tanto aos romanos de agora, como os seus amigos, os seus professores...

O diácono brincou com este e outros assuntos e fez os seus ouvintes rirem-se uma e outra vez, ou exibirem um sorriso largo e bonacheirão, apesar de se estar na época da Paixão de Cristo. Alguns, pelo menos Johanniperto, repararam como, de facto, ele tentava, com as suas frases meigas ou animadas, e amiúde hilariantes, afastar os vencidos dos seus problemas diários. Talvez conduzi-los por outro caminho? Queria atraí-los para mais perto de Roma – ou para mais perto do rei dos francos? Para mais perto de ambos, a fim de estabelecer laços mais fortes com os dois lados?

– E Roma? – perguntou o matreiro Stabilinus, de rosto esguio, que fazia perguntas discreta mas frequentemente.

No fim da Quaresma de 775, um ano depois de o exército franco ter atravessado os Alpes, cercado Ticinum (Pavia) e ocupado o reino longobardo, e de Carlos Magno ter recebido das próprias mãos do arcebispo de Mediolanum (Milão) a simbólica coroa de ferro e o título *Gratia Dei Rex Francorum et Longobardum*, abrindo-lhe as portas de Roma e do futuro império, cresce o descontentamento e nascem ideias de revolta em diversos ducados longobardos recém-subjugados. Contudo, no momento de passar aos actos, será somente Rodgaud, duque de Friuli, a agarrar em armas contra o imperador. A revolta será impiedosamente esmagada e o revoltoso duque e a sua família, alvo de castigo exemplar. Anos depois, será ainda a memória destes funestos acontecimentos e a sua duradoura influência no destino de cada um dos seus protagonistas a assombrar a crónica de Johannes Lupigis, secretário pessoal e biógrafo do imperador.

Romance histórico brilhante, aclamado pela crítica como uma das criações mais bem conseguidas do Prémio Nobel Eyvind Johnson, cuja obra permanecia inédita no nosso país, *O Tempo de Sua Graça* decorre entre os séculos VII e IX, em pleno império carolíngio – um dos maiores que a Europa conheceu – e inspira-se em eventos reais e crónicas da Alta Idade Média para tecer um notável retrato de um dos períodos mais fascinantes da História da Europa.

«Uma reflexão, em forma de romance histórico, acerca da violência dos vencedores sobre os vencidos e os mecanismos de construção da memória colectiva.»

José Riço Direitinho, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

cavalodeferro

penguinlivros

ISBN 9789897879661



9 789897 879661 >